UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

GLÁUCIA ARAÚJO DE MEDEIROS SOUSA

O ENSINO DA LEITURA:

A INTERPRETAÇÃOTEXTUAL DE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

VITORIA DA CONQUISTA - BA

2019

GLÁUCIA ARAÚJO DE MEDEIROS SOUSA

O ENSINO DA LEITURA:

A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva

VITORIA DA CONQUISTA - BA

2019

S696e

Sousa, Gláucia Araújo de Medeiros.
O ensino da leitura: interpretação textual de pressupostos e subentendidos. / Gláucia Araújo de Medeiros Sousa, 2019.
108f.
Orientador (a): Dr. Adilson Ventura da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2019.
Inclui referência F. 76 a 77.
1. Leitura - Interpretação. 2. Estudo dos implícitos. 3. Pressuposto e subtendido. 4. Semântica da enunciação. I. Silva, Adilson Ventura da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. III. T.

CDD 372.416

*Catalogação na fonte**: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

GLÁUCIA ARAÚJO DE MEDEIROS SOUSA

O ENSINO DA LEITURA:
A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes - PPGLin/UESB

Profª. Drª. Vera Pacheco - ProfLetras/PPGLin/UESB

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva - ProfLetras/PPGLin/UESB

Vitória da Conquista, fevereiro/2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

ATA REFERENTE AO EXAME DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA GLÁUCIA ARAÚJO DE MEDEIROS SOUSA DO PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB.

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de 2019, às 10h30min., na sala 01, localizada no Módulo de Pós- Graduação *Strictu Sensu, campus* de Vitória da Conquista, **Gláucia Araújo de Medeiros Sousa**, regularmente matriculada sob o registro acadêmico nº FEV200021, defendeu a Dissertação **"O ENSINO DA LEITURA: A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS"**, perante a Banca Examinadora composta pelo professor doutor Adilson Ventura da Silva (UESB) – ***Presidente*** e pelas professoras doutoras Vera Pacheco (UESB) e Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (UESB) - Membros Titulares, e obteve APROVAÇÃO. Entretanto, o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre Profissional em Letras, está condicionado à entrega da versão definitiva da dissertação no prazo máximo de 60 (sessenta) dias decorridos da data de defesa, qual seja, 28 de abril de 2019, no Colegiado do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus Vitória da Conquista, com alterações e/ou correções sugeridas pelos membros da banca, conforme preconiza o artigo 65, capítulo XIII do Regimento Interno do Mestrado Profissional em Letras. Nada mais havendo a ser tratado, eu, Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva, encerro a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pela candidata ao título de mestre.

Vitória da Conquista – Bahia, 28 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (PROFLETRAS-UESB)
Orientador

Prof.ª Dr.ª Vera Pacheco (PROFLETRAS-UESB)
Examinadora

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Prof.ª Dr.ª Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (PPGLin-UESB)
Examinadora

Gláucia Araújo de Medeiros Sousa
Gláucia Araújo de Medeiros Sousa
Mestranda

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (PROFLETRAS-UESB)
(Orientador)

Prof.ª. Dr.ª Vera Pacheco (PROFLETRAS-UESB)
(Membro Titular Interno)

Prof.ª Dr.ª Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (PPGLin-UESB)
(Membro Titular Externo)

Vitória da Conquista, BA, 28 de fevereiro de 2019.

Resultado: Aprovada

Dedico este trabalho ao meu filho, a Laédson (meu companheiro conjugal), aos meus pais e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e por sempre estar comigo dando-me forças quando parecia que já tinham chegado ao fim.

A meu filho, Tarcísio, que chegou durante essa caminhada para enriquecer minha vida de amor, de vontade e de ânimo para concluir este trabalho.

A meus pais, Creusa e Gildásio, pelo apoio diário, pelo carinho e pelas palavras de incentivo e coragem para prosseguir.

A meu companheiro de vida, Laédson, por todo amor dedicado a mim e ao nosso filho, pela paciência, pelo incentivo e companheirismo, e por todos os esforços empreendidos em busca do meu êxito em todas as minhas investidas.

Aos meus irmãos, Maxweel, Dalton e Railan, e aos meus sobrinhos, Lorena e Henrique, pela presença sentimental e física em todos os momentos, pela parceria e pelo rápido atendimento a todas as minhas solicitações.

Às minhas tias maternas, suas filhas e netos pela presença fraternal e o apoio incondicional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva pela paciência, pela parceria, pela compreensão, pelas leituras indicadas que me fizeram crescer e aprofundar nos conceitos da Semântica da Enunciação e da Análise de Discurso.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras – Profletras/Vitória da Conquista pelos ensinamentos e pelo brilhantismo com que desenvolveram as disciplinas do curso.

Aos alunos da 8ª série e à Professora Valdirene Costa Sousa, do Centro Educacional Professor Armênio Sant’Anna Paiva de Nova Colina, por tornarem possível a realização da pesquisa.

À direção do Colégio Estadual Rui Barbosa de Boninal pela compreensão e incentivo.

Aos colegas de Mestrado, em especial, a Cristina, Adriana, Eliane e Geisa, por todo apoio e parceria espiritual e material.

À Coordenação e à Secretaria do PROFLETRAS pela assistência.

RESUMO

Os resultados dos exames de proficiência leitora no Brasil têm demonstrado a ineficiência do trabalho realizado nas escolas, no que se refere ao desenvolvimento de capacidades básicas de leitura, ou seja, os alunos estão aprendendo a decodificar palavras, mas não conseguem inferir sentidos e, principalmente, sentidos implícitos. Esses dados nacionais são confirmados cotidianamente nas tarefas que desenvolvemos em sala de aula como professores de Língua Portuguesa. Por conta desses problemas na leitura, esta pesquisa surgiu tendo como questionamento o porquê de dois tipos de implícitos, pressupostos e subentendidos, serem tão dificilmente percebidos pelos alunos. Para a realização desta pesquisa, ora dissertação, a turma da 8ª série do Ensino Fundamental foi escolhida para a aplicação de atividades com textos diversificados em relação aos tipos e aos gêneros, no intuito de visualizar melhor em que ponto as dificuldades se apresentam mais acentuadas. Para norteamento da pesquisa e estudo das respostas dadas nas atividades, foram usadas as teorias da Semântica da Enunciação, para observar as respostas quanto aos implícitos, e da Análise de Discurso, para tentarmos entender quais discursos circulam na escola e como eles afetam diretamente a interpretação. Como resultado, percebeu-se facilidades na atribuição dos sentidos pressupostos e subentendidos, quando o assunto tratado é familiar aos alunos e quando os textos são curtos. Além disso, os dados apontam necessidades de estratégias didático-pedagógicas para o trabalho com a interpretação de textos, trazendo para a sala de aula as possíveis leituras que um mesmo texto pode possuir.

Palavras-chave: Pressuposto. Subentendido. Implícitos. Interpretação. Semântica da Enunciação.

ABSTRACT

The results of the reading proficiency exams in Brazil have demonstrated the inefficiency of the work performed in schools regarding the development of basic reading abilities, that is, students are learning to decode words, but they are not able to infer meanings, especially implicit meanings. These national data are confirmed daily in the tasks we develop in the classroom as teachers of Portuguese Language. Because of these reading problems, this research came up with the question of why two types of implicit, presupposed and implied, are so difficult to be perceived by students. In order to carry out this research, in this dissertation, the 8th grade of the elementary school class was chosen for the application of activities with diverse texts in relation to types and genres, in order to better visualize at what point the difficulties are more pronounced. In order to guide the research and study the answers given in the activities, the theories of Semantics of Enunciation were used to observe the answers regarding the implicit ones, and the Discourse Analysis, to try to understand which discourses circulate in the school and how they directly affect the interpretation. As a result, we realized facilities in the attribution of the presupposed and implied senses when the subject is familiar to the students and when the texts are short. In addition, the data point out the need of didactic-pedagogical strategies for the work with interpretation of texts, bringing to the classroom the possible readings that the same text can have.

Keywords: Assumption. Understood. Implicits. Interpretation. Semantics of Enunciation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na primeira aplicação do texto “No morro não tem só bandido”.....38
Tabela 2: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na primeira aplicação do texto “Uma aposta em todas as mídias”.....39
Tabela 3: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na segunda aplicação do texto “No morro não tem só bandido”.....41
Tabela 4: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na segunda aplicação do texto “Uma aposta em todas as mídias”.....42
Tabela 5: Número de respostas plausíveis e não plausíveis nos exemplos usados durante as explicações.....43
Tabela 6: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na atribuição de sentido em textos verbais e imagéticos.....46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 A ENUNCIAÇÃO E A DISCURSIVIDADE NA ATRIBUIÇÃO DOS SENTIDOS .. 18

2.1 A SEMÂNTICA DA ENUNCIAÇÃO NO ESTUDO DOS IMPLÍCITOS: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS 18
2.2 ELEMENTOS DISCURSIVOS COMO ARTÍFICIOS DA INTERPRETAÇÃO 20

3 METODOLOGIA 28

3.1 ETAPAS DA COLETA DE DADOS 28
3.2 SOBRE A APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES 29

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 37

4.1 A INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS NOS TEXTOS VERBAIS 51
4.2 A INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS NOS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA 62
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS 69
4.3.1 PRIMEIRAS ANÁLISES 69
4.3.2 RESPOSTA DOS ALUNOS 70

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

REFERÊNCIAS 76

WEBGRAFIA 77

APÊNDICE A – ATIVIDADE DO PRIMEIRO TEXTO 78
APÊNDICE B – ATIVIDADE DO SEGUNDO TEXTO 80
APÊNDICE C - EXEMPLOS USADOS NA EXPLICAÇÃO DOS SENTIDOS IMPLÍCITOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS 82
APÊNDICE D – ATIVIDADE COM OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA 83
APÊNDICE E – RESPOSTAS DE A¹ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 85
APÊNDICE F – RESPOSTAS DE A¹ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 86
APÊNDICE G – RESPOSTAS DE A² NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 87
APÊNDICE H – RESPOSTAS DE A² NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 88
APÊNDICE I – RESPOSTAS DE A³ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 89
APÊNDICE J – RESPOSTAS DE A³ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO" 90

APÊNDICE K – RESPOSTAS DE A¹ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 91
APÊNDICE L – RESPOSTAS DE A¹ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 93
APÊNDICE M – RESPOSTAS DE A² NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 95
APÊNDICE N – RESPOSTAS DE A² NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 97
APÊNDICE O – RESPOSTAS DE A³ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 99
APÊNDICE P – RESPOSTAS DE A³ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS" 101
APÊNDICE Q – RESPOSTAS DE A¹ PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA 103
APÊNDICE R – RESPOSTAS DE A² PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA 105
APÊNDICE S – RESPOSTAS DE A³ PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA 107

1 INTRODUÇÃO

O analfabetismo funcional no Brasil é uma realidade preocupante, e vem desencadeando inquietações no ambiente escolar, principalmente entre os profissionais que atuam com o ensino de Língua Portuguesa. Muitas vezes, os alunos egressos do Ensino Médio e até do Ensino Superior possuem dificuldades na compreensão de textos simples, e usados cotidianamente. Esse fato evidencia a necessidade de se repensar o trabalho realizado na escola, em torno das práticas de leitura e da interpretação textual.

Conforme resultados da Prova Brasil de 2015, divulgados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), houve uma melhora na proficiência média em Língua Portuguesa em todas as etapas de ensino, apesar de uma parte considerável dos alunos estarem no nível mais baixo da escala de proficiência, principalmente no 9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio. A nota geral em Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, alcançada por meio da avaliação das escolas públicas e privadas do país, passou de 231,82 em 2005 para 253,50 em 2015, resultado que coloca o Brasil no nível 3 na escala de proficiência que, para essa etapa de estudo, vai do nível 1 ao nível 8[1]. É válido

[1]Os níveis de 1 a 8 são usados como referência na escala de proficiência para representar as habilidades adquiridas em Língua Portuguesa pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e quando usados indicam que, provavelmente, os estudantes desenvolveram as capacidades dos níveis anteriores, além das capacidades indicadas no nível. **O nível 1** (desempenho maior ou igual a 200 e menor que 225), o mais baixo da escala de proficiência, refere-se às capacidades prováveis dos estudantes de reconhecer expressões características da linguagem (científica, jornalística etc.), e a relação entre expressão e seu referente, em reportagens e artigos de opinião; e inferir o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens. **O nível 2** (desempenho maior ou igual a 225 e menor que 250) indica as capacidades de localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas; identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais; reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, e de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances; reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas; reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião; inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas. **O nível 3** (desempenho maior ou igual a 250 e menor que 275), colocação do Brasil em 2015, corresponde às capacidades de localizar informações explícitas em crônicas e fábulas; identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas; reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes; reconhecer relação entre pronomes e seus referentes, e relações de causa e consequência em fragmentos de romances, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios); interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas; comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema; inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas; inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances. **No nível 4** (desempenho maior ou igual a 275 e menor que 300) representa as habilidades de localizar informações explícitas em artigos de opinião e crônicas; identificar finalidade e elementos da narrativa em fábulas e contos; reconhecer opiniões distintas sobre o mesmo assunto

informar que as notas alcançadas têm por base a matriz de referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil e do Saeb usada para analisar as respostas dos alunos com base em seis tópicos: Procedimentos de Leitura; Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão do Texto; Relação entre Textos, Coerência e Coesão no Processamento do Texto; Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido e Variação Linguística.

Assim, com a percepção de que um número relevante de alunos da 8ª série, do Centro Educacional Professor Armênio Sant'Anna Paiva de Nova Colina – Boninal, Bahia –, apresenta níveis de leitura incompatíveis com a competência leitora prevista para os anos finais do Ensino Fundamental, fez surgir inquietações a fim de conhecer o porquê das dificuldades na captação dos sentidos presentes em um texto.

A deficiência desses alunos em leitura mostra-se acentuada quando há a solicitação para realizarem a inferência do sentido das palavras, de trechos, ou que exponham entendimentos que, fundamentados no que está escrito no texto,

---

em reportagens, contos e enquetes; reconhecer relações de causa e consequência e as relações entre pronomes e seus referentes em fragmentos de romances, fábulas, crônicas, artigos de opinião e reportagens; reconhecer o sentido de expressão e de variantes linguísticas em letras de música, tirinhas, poemas e fragmentos de romances; inferir tema, tese e ideia principal em contos, letras de música, editoriais, reportagens, crônicas e artigos; inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em charges e história em quadrinhos; inferir informações em fragmentos de romance; inferir o efeito de sentido da pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor ou ironia em tirinhas, anedotas e contos. **O nível 5** (desempenho maior ou igual a 300 e menor que 325), destaca as habilidades de localizar a informação principal em reportagens; identificar ideia principal e a finalidade em notícias, reportagens e resenhas; reconhecer características da linguagem (científica, jornalística etc.) em reportagens; reconhecer elementos da narrativa em crônicas; reconhecer argumentos e opiniões em notícias, artigos de opinião e fragmentos de romances; diferenciar abordagem do mesmo tema em textos de gêneros distintos; inferir informação em contos, crônicas, notícias e charges; inferir sentido de palavras, da repetição de palavras, de expressões, de linguagem verbal e não verbal e de pontuação em charges, tirinhas, contos, crônicas e fragmentos de romances. **No nível 6** (desempenho maior ou igual a 325 e menor que 350) estão descritas as capacidades de identificar ideia principal e elementos da narrativa em reportagens e crônicas; identificar argumento em reportagens e crônicas; reconhecer o efeito de sentido da repetição de expressões e palavras, do uso de pontuação, de variantes linguísticas e de figuras de linguagem em poemas, contos e fragmentos de romances; reconhecer a relação de causa e consequência em contos; reconhecer diferentes opiniões entre cartas de leitor que abordam o mesmo tema; reconhecer a relação de sentido estabelecida por conjunções em crônicas, contos e cordéis; reconhecer o tema comum entre textos de gêneros distintos; reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras de linguagem e de recursos gráficos em poemas e fragmentos de romances; diferenciar fato de opinião em artigos e reportagens; inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em tirinhas. **O nível 7** (desempenho maior ou igual a 350 e menor que 375) corresponde as habilidades de localizar informações explícitas, ideia principal e expressão que causa humor em contos, crônicas e artigos de opinião; identificar variantes linguísticas em letras de música; reconhecer a finalidade e a relação de sentido estabelecida por conjunções em lendas e crônicas e **o nível 8** (desempenho maior ou igual a 375), o último e o mais alto de todos os níveis, indica que os alunos são capazes de localizar ideia principal em manuais, reportagens, artigos e teses; identificar os elementos da narrativa em contos e crônicas; diferenciar fatos de opiniões e opiniões diferentes em artigos e notícias; inferir o sentido de palavras em poemas.

apontam para conhecimentos que estão além do que está posto, leituras que exigem certa capacidade de sair do conteúdo puramente linguístico para a enunciação, porque vão além do simples ler e captar de imediato o que está escrito nas linhas textuais, ou seja, quando se pede mais do que decifrar um “código”, que, no caso, coloca-se como a língua escrita, o aluno possui uma grande dificuldade. Dessa forma, observamos a falta de competência leitora na percepção dos sentidos implícitos do texto, de modo que, tanto os pressupostos quanto os subentendidos são negligenciados como se os elementos linguísticos (e apenas o que está posto através deles) bastassem para garantir o entendimento integral dos textos. Baseado no que foi mencionado, surgiu a ideia de desenvolver um trabalho em torno da questão: Por que os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental II, do Centro Educacional Professor Armênio Sant’Anna Paiva de Nova Colina, apresentam dificuldades na atribuição dos sentidos implícitos, pressupostos e subentendidos?

A priori, as hipóteses que nortearam esta pesquisa partiram da noção de que, o trabalho realizado com a interpretação na escola, quase sempre, privilegia atividades que demandam um olhar apenas para os sentidos explícitos no texto, desconsiderando os sentidos implícitos, e a relação com a enunciação. As propostas de interpretação partem de um sentido já previsto e considerado certo, não permitindo a realização de leituras capazes de levar a sentidos pertinentes em conformidade com as pressuposições e conclusões dos alunos.

Há, pois, a necessidade de novas práticas pedagógicas que proporcionem um olhar para os implícitos que leve os alunos a explorarem os significados permitidos linguisticamente e, partindo do linguístico, observar a própria enunciação, o que possibilita uma melhor compreensão e construção dos sentidos nos mais variados textos.

Para desenvolver essas capacidades leitoras, é essencial que exista na escola a consciência para realizar, nas aulas e em outras atividades, um trabalho sistemático e bem planejado, focado na questão da interpretação, deixando de esperar que o seu processamento ocorra de modo automático com leituras premeditadas como consequência do estudo superficial dos textos.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é observar, por meio da aplicação e análise de atividades, as dificuldades e/ou facilidades apresentadas pelos alunos na atribuição de sentidos pressupostos e subentendidos em diferentes textos, perceber, a partir daí estratégias possíveis de serem adotadas pelo professor, com vistas ao

desenvolvimento de competências leitoras, que prezem pela interpretação dos implícitos e que considerem as várias possibilidades de sentidos para um texto.

Em uma sociedade letrada, para que as pessoas possam inferir os diferentes sentidos de um texto, é imprescindível que elas saibam ler, compreender, interpretar e criticar. Para tanto, o lugar que o sujeito ocupa no interdiscurso, trará possibilidades de perceber redes de significância entre o que foi dito antes, com o que está sendo dito agora, para só depois atribuir sentido ao novo texto. Partindo desse entendimento, alguns conceitos como formação discursiva, interdiscurso[2], entre outros, foram tomados por empréstimo da Análise de Discurso francesa para direcionar a análise dos dados.

Para analisarmos e pensarmos a questão dos pressupostos e dos subentendidos, colocamo-nos na perspectiva teórica da Semântica da Enunciação, apoiados no entendimento desses dois conceitos como conceitos linguísticos, e que são estudados a partir do enunciado e da enunciação. Os pressupostos, segundo essa teoria, pertencem ao ambiente do enunciado, ao que aparece exposto linguisticamente, e os subentendidos estão ligados à enunciação, ao momento e a situação de realização do enunciado.

Considerando o exposto acima, esta pesquisa está estruturada em quatro seções. Na primeira, intitulada A Enunciação e a Discursividade na Atribuição dos Sentidos, fizemos o embasamento teórico com os conceitos pertinentes ao trabalho. Trata-se, pois, do entendimento dos implícitos pressupostos e subentendidos sob a ótica de Ducrot (1987) e Silva (2006); e da noção de interdiscurso (memória discursiva), de língua, de efeito de sentido, de condição de produção, de sujeito, de interpretação, de texto e de ideologia conforme postula Brandão (2004), Orlandi (2007) e Orlandi (2010).

Na segunda seção, apresentamos a Metodologia. Aqui, relatamos as 4 (quatro) etapas realizadas para a coleta dos dados: a primeira e a segunda etapas foram destinadas, respectivamente, para a aplicação e a reaplicação das atividades iniciais; na terceira, explicamos sobre os pressupostos e os subentendidos; na última etapa, utilizamos textos de linguagem mista para os alunos fazerem a interpretação dos implícitos sem a mediação do professor. E, ainda, detalhamos os procedimentos

---

[2] A noção de interdiscurso refere-se ao postulado por Eni Orlandi (2010, p. 31) que o define “[...] como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente [...]”.

da aplicação das atividades, como também, algumas situações ocorridas no processo, tipo reações dos alunos, comentários, entre outras.

Usamos a última seção, Resultados e Discussão, para a descrição e tratamento analítico dos dados, lançando mão do uso de tabelas, com a tabulação numérica das respostas de todas as atividades, instrumentos indispensáveis para visualizar quantitativamente os resultados, e fizemos um estudo qualitativo das respostas, nas quais foi traçado um paralelo com os conceitos da Semântica da Enunciação e da Análise de Discurso.

O desenvolvimento dessas atividades visa alcançar resultados significativos, para a percepção das dificuldades apresentadas pelos alunos em torno dos sentidos pressupostos e subentendidos e, dessa forma, contribuir para a busca de estratégias que possibilitem repensar o ensino da leitura no ambiente escolar e, principalmente, no Ensino Fundamental II.

2 A ENUNCIAÇÃO E A DISCURSIVIDADE NA ATRIBUIÇÃO DOS SENTIDOS

Este é uma seção teórica que visa embasar o desenvolvimento da pesquisa, por meio dos pressupostos da Semântica da Enunciação e da Análise de Discurso.

Assim, selecionamos alguns aspectos da Semântica da Enunciação, fundamentados no pensamento de Oswald Ducrot, para balizar, neste trabalho, a ocorrência de duas possibilidades para a atribuição dos sentidos implícitos: os pressupostos e os subentendidos. Para a análise e discussão dos resultados utilizamos, além dos postulados da Semântica da Enunciação, a teoria da Análise de Discurso, através dos escritos de Eni Orlandi e Helena H. N. Brandão.

2.1 A SEMÂNTICA DA ENUNCIAÇÃO NO ESTUDO DOS IMPLÍCITOS: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

A Semântica da Enunciação foi o suporte para a análise do *corpus*, composto pelas respostas dos alunos, com base na ideia de que os pressupostos e os subentendidos são sentidos realizados de modo particular nas situações de comunicação, atribuindo aos primeiros a vinculação ao enunciado, e aos segundos, à enunciação.

Para o entendimento das noções de enunciado e enunciação, iniciamos primeiramente com a definição ducrotiana para frase, segundo a qual, a frase é um conjunto de palavras relacionadas entre si de acordo com as regras da sintaxe, não possuindo sentido próprio e observável, sendo do enunciado o lugar de realização do sentido e passível de observação. Dessa forma, uma frase pode realizar-se em um número indefinido de enunciados, adquirindo sentidos diferentes, a depender dos outros elementos envolvidos na situação comunicativa. A enunciação, nessa perspectiva, está vinculada ao momento de realização do enunciado de uma frase, ao momento histórico, único, não repetível. Ou seja, o sentido está no enunciado, não na frase, e sua compreensão/interpretação depende da enunciação, do instante em que a frase transforma-se em enunciado.

Para Ducrot, o sentido pressuposto está inscrito no componente linguístico do enunciado, enquanto que o subentendido faz parte do componente retórico, ou seja, localiza-se na enunciação. Nesse contexto, as construções sintáticas podem ser consideradas como importantes elementos para a percepção e confirmação do sentido pressuposto. Já para a caracterização do subentendido, “Um primeiro traço

observável consiste no fato de que existe sempre para um enunciado com subentendidos, um ‘sentido literal’ do qual tais subentendidos estão excluídos. Eles parecem ter sido acrescentados” (DUCROT, 1987, p. 19), tais acréscimos não são fixos e nem imutáveis, podem variar conforme a situação da enunciação.

Em uma situação comunicativa verbal, há sempre três aspectos a serem considerados na dinâmica da atribuição de sentido, a saber: o posto de responsabilidade do locutor, o pressuposto que depende do domínio comum de entendimento dos envolvidos na comunicação, pois “[...] remete ao contexto em que o enunciado aparece veiculando, a partir do que estão postas, certas informações importantes para a compreensão do próprio enunciado [...]” (SILVA, 2006, p.25) e o subentendido visto como fruto das conclusões feitas pelo outro, assim, é dada ao locutor a possibilidade de não aceitar como seu um sentido colhido por meio de subentendidos, pois

> [...] resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação da mensagem e deve ser captado, através da descrição lingüística, ao final de um processo totalmente diferente, que leve em conta, ao mesmo tempo, o sentido do enunciado e suas condições de ocorrência e lhes aplique leis lógicas e psicológicas gerais. (DUCROT, 1987, p. 25)

A percepção de subentendidos ocorre pela atuação reflexiva do outro, e não fica restrita à análise dos elementos linguísticos, pois, para esse tipo de interpretação, há um trabalho mais elaborado de junção do que foi dito com a enunciação, com o acontecimento de dizer, traz sentidos relacionados a esse dizer, leva, com base nos acréscimos possíveis pelo momento e pelas circunstâncias específicas da enunciação, a um entendimento particular, compreendido pelo destinatário.

Assim, o entendimento do pressuposto como pertencente ao enunciado, faz dele um elemento anterior e necessário ao subentendido. A base para sustentação do pressuposto é o componente linguístico que garante sua veracidade, o qual precede o componente retórico e fornece os dados para a realização deste, dito de outro modo, “[...] a determinação dos subentendidos leva em conta um conhecimento prévio dos pressupostos [...]” (DUCROT, 1987, p. 26), sendo estes do plano do enunciado e aqueles da enunciação, considera-se que “[...] para atingirmos a enunciação, é decisivo compreender qual o sentido do enunciado, uma vez que a enunciação é o tema do sentido do enunciado” (SILVA, 2006, p.43). Nessa

dinâmica, a busca pelo sentido subentendido partirá do estudo do sentido percebido como pressuposto.

Temos, diante das considerações supracitadas, que o sentido posto aparece totalmente preso ao enunciado, é a afirmação feita pelo locutor, porque o entendimento fica restrito exatamente ao que o locutor quis transmitir. Em contrapartida, o pressuposto aparece implicado nos marcadores linguísticos, mesmo que não seja colocado diretamente "[...] ele é apresentado como uma evidência, como um quadro incontestável no interior do qual a conversação deve necessariamente inscrever-se [...]" (DUCROT, 1987, p. 20), assim, é do domínio de todos os envolvidos no diálogo, configura-se como um entendimento compartilhado, baseado no conhecimento sintático e semântico da língua. Já o subentendido realiza-se posteriormente, pela interpretação particular de cada interlocutor, destarte as inferências, serão fruto de uma rede mais complexa de significação, veiculada pela enunciação, não ocorrerão apenas com base no enunciado, isso possibilita ao locutor eximir-se da responsabilidade do sentido subentendido, alegando ser fruto de uma interpretação mais discursiva do que linguística. Por exemplo, para o posto *Cláudia está menos popular* o pressuposto *Cláudia já foi mais popular*, é verdadeiro com base nos marcadores linguísticos *está menos*, são verídicos, também, os subentendidos *Cláudia está ficando muito em casa; Cláudia não fala com as pessoas; Cláudia viajou e chegou com um comportamento diferente*, entre outros, a depender do ambiente discursivo da enunciação.

Expliquemos, pois, no mesmo exemplo, que a frase é o que está posto em *Cláudia está menos popular*, o enunciado restringe-se a realização dessa frase seja na fala ou na escrita, enquanto que a enunciação tem a ver com o momento dessa realização, com o contexto histórico e social no qual ela for enunciada.

2.2 ELEMENTOS DISCURSIVOS COMO ARTIFÍCIOS DA INTERPRETAÇÃO

Conforme a explicação de Orlandi (2010, p. 26), "A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação", sai do que é percebido pelo ato de interpretar, e vai para a compreensão dos processos de significação presentes, que possibilitam outras leituras. Cabe salientar, nessa perspectiva, que o sentido não fica restrito ao ato de

interpretação do que foi posto e do contexto imediato, pois, a compreensão de outros sentidos é permitida pelo entendimento do modo de produção de sentido do objeto simbólico em questão, o que preconiza novas práticas de leituras.

Ao levar em conta a ideia do parágrafo anterior, para a Análise de Discurso, não existe um sentido verdadeiro, único, oculto atrás do texto, passível de ser retomado e ratificado pela interpretação, mas sim, sentidos que são atribuídos por meio da sua relação com os sujeitos em condições determinadas de produção, pois a constituição do sentido "[...] têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele" (ORLANDI, 2010, p.30). No processo de significação, as condições de produção, a exterioridade do texto, também significam por meio do contexto imediato e do contexto sócio-histórico e ideológico em que se realiza.

Há na realização do discurso um já-dito que dá embasamento para todo o dizer, na medida em que os significados das palavras são constituídos por meio de sua utilização ao longo da história. Ou seja, os efeitos de sentido possíveis de serem atribuídos hoje dependem de uma construção anterior, eles não se constroem aqui e agora e se desfazem em seguida, porque o funcionamento do discurso e de seus significados têm por base uma relação com discursos outros, interdiscursos, resgatados pela memória discursiva, possibilitando leituras em uma ou em outra direção.

Antes de proferir um conteúdo, o indivíduo faz uma construção mental de resgate de memórias discursivas estabelecidas por experiências passadas, para adaptar ao que deseja expressar no momento e a interlocutores concretos. De acordo com Brandão (2004, p. 44), "[...] em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do 'imaginário' do outro, fundar estratégias do discurso", embora, por mais que queira, não conseguirá evitar os espaços abertos que serão preenchidos pelos interlocutores a partir também de suas memórias discursivas.

Por isso, a linguagem não pode ser encarada como neutra, é, sim, lugar de manifestação de ideologias, marcado por conflitos justificáveis pela própria natureza da interação discursiva que permeia toda e qualquer utilização da linguagem. E, por ser dialógica, expressa a presença de um confronto de vozes, de pontos de vista

diferentes, possibilitando certa realização discursiva graças às condições de produção do contexto histórico e social.

Além da memória discursiva e das condições de produção, os outros discursos que embasam os discursos novos, aparecem constituídos por formulações esquecidas, as palavras já possuem significados construídos ao longo do tempo e que garantem suas ressignificações na atualidade.

Dessa forma, para a Análise de Discurso de origem francesa, que teve sua teoria despontada na década de 1960 com Michel Pêcheux, seu principal ponto de articulação é o tratamento particular dado à língua, melhor dizendo, a língua é estudada em movimento, levando em consideração como o homem a utiliza em determinados processos e condições de produção. Assim, o sentido atribuído ao uso da linguagem é considerado em relação com a sua exterioridade, com a situação de produção, com a história e com a ideologia.

Assentados nessas premissas, fizemos um recorte de alguns conceitos da Análise de Discurso para nortear a pesquisa e a análise dos dados do trabalho em questão, a saber: a noção de interdiscurso (memória discursiva), de língua, de efeito de sentido, de condição de produção, de sujeito, de interpretação, de texto e de ideologia, tratados de modo mais detalhado nas linhas que seguem.

Ao tratar de interdiscurso, ou melhor, de tudo o que já foi dito antes em algum lugar, é estabelecida uma relação com a memória na medida em que as palavras só possuem sentido com base em outros discursos, nos quais já fizeram sentido. Porém, a relação entre o sujeito e a língua é estruturada a partir do esquecimento[3]. Há, desse modo, um resgate inconsciente de discursos que adquiriram sentido em algum momento e foram esquecidos, Conforme Orlandi (2010)

> [...] o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Representa assim a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade. (ORLANDI, 2010, p.80)

[3] Há dois tipos de esquecimentos relacionados ao discurso. O esquecimento número 1 ou esquecimento ideológico cria a ilusão dos sentidos como produto da nossa vontade, quando na verdade os sentidos existem antes de nós e são apenas retomados. E o esquecimento número 2 que produz a impressão de relação direta entre pensamento e linguagem, deixando esquecidas as outras possibilidades de chegar ao mesmo sentido com outras palavras, com outras construções linguísticas.

A ideia de discurso único, isolado, nunca antes visto, é desfeita com a noção do papel do processamento interdiscursivo na atribuição de sentidos. Todo discurso é composto de vários outros discursos e pelo discurso do Outro, sua realização torna-se possível pela memória discursiva, que determina o que é e o que não é dizível em determinado momento e em certas circunstâncias, dentro das possibilidades de significância já fixadas antes na exterioridade, já experimentadas.

Até mesmo a ressignificação dos discursos depende dos discursos já realizados e da construção de uma história de sentidos em torno deles. Com a formação de redes de significados, novos sentidos surgem graças ao movimento da interdiscursividade. Existe, assim, a necessidade de se considerar na análise de um discurso sua historicidade (os já ditos) que determina sua formulação e, também, a implicatura de novos discursos mediante o que não foi dito.

Os discursos são realizados pela língua, pois, para a Análise de Discurso, ela é o lugar da materialidade, entendida como um sistema vivo, ativo, dialético e dinâmico, sujeito ao movimento da história para produzir sentido. Negando, assim, a noção de língua fechada em suas estruturas e isolada da relação com o ideológico e com o histórico, por meio de uma perspectiva que a entende como passível de falhas e equívocos, por estar sempre em estado de construção, desconstrução e reconstrução de suas regras estruturais e em seus deslocamentos discursivos. A língua é considerada na sociedade e na história, constituída pela ideologia, com isso, na Análise de Discurso francesa os aspectos linguísticos são estudados sem anular a história e a ideologia, já que essas são constitutivas dos sentidos.

A oposição língua/fala elaborada por Saussure sofre um deslocamento e a compreensão da linguagem, nessa perspectiva, deixa de centrar-se nos fatos somente da língua, passando a considerar, ao lado dos aspectos linguísticos, os aspectos extralinguísticos.

Por intermédio da noção de discurso como lugar de manifestação dos processos ideológicos, fruto das condições sócio-históricas e dos fenômenos linguísticos, a elaboração do significado se dá pela constituição do que é da língua com fatores exteriores a ela que se materializam no discurso. Nesse ponto de materialização do sentido, há uma relação entre os sujeitos em suas posições o que irá constituir os efeitos de sentido em cada ato de enunciação.

A heterogeneidade nos modos de significar, o fato de um mesmo enunciado ser entendido de modo diverso pelos indivíduos, tem relação com o momento da

realização da enunciação. Assim, os efeitos de sentido não são os mesmos, porque os interlocutores são outros e a situação de enunciação também. Por efeito de sentido pode-se entender como o modo que o sentido é produzido por meio da enunciação, ou seja, não se configura como algo retido na materialidade da língua nem, tampouco, surge do nada sem motivação linguística e sem participação de elementos sócio-históricos que a constituem.

O entendimento do sentido como indeterminado, passível ao movimento das condições de produção do enunciado e a relação dos interlocutores no uso da língua, coloca a existência de diferentes efeitos de sentido para uma mesma materialidade discursiva e, ainda, a administração total desses efeitos como inatingível.

Em suma, a definição de efeito de sentido enquadra-se na ideia do processo de significação da materialidade discursiva (a língua), envolvendo as formações discursivas e a percepção dos interdiscursos (memória discursiva) dos interlocutores, atribuindo significados por meio de gestos de interpretação diversos, já que todo sentido só produz efeito mediante o reconhecimento, a atualização de um sentido pré-existente que pode ocorrer com sentidos parafrásticos ou polissêmicos, e, a partir daí, ocorre o direcionamento ou não para novos sentidos.

Todo enunciado, toda palavra e expressão têm sua constituição de significados baseada em aspectos ideológicos determinados historicamente. Esses são significados que formam uma rede, possibilitando a formação de certos sentidos sempre que os enunciados, as palavras e as expressões forem usadas remetendo a um uso anterior, a um sentido pré-construído, ou seja, “[...] a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é "construído" pelo enunciado. É o elemento que irrompe na superfície discursiva como se estivesse já-aí” (BRANDÃO, 2004, p. 48).

Nas situações de enunciação, as determinações do modo de proferir o enunciado têm por base o sentido atribuído às palavras e expressões de acordo com o funcionamento dos discursos em outros momentos.

Um ponto a ser mencionado é sobre o papel das formações ideológicas no direcionamento dos discursos, pois todo sujeito está imerso em alguma posição ideológica a qual, inevitavelmente, influenciará as formulações e os entendimentos discursivos.

O funcionamento dos discursos envolve a paráfrase enquanto mecanismo de retomada, reformulação e tentativa de fechamento dos sentidos dos enunciados no intuito de conservar suas particularidades. Em contrapartida, Orlandi (2010) traz a noção de polissemia como espaço aberto à multiplicidade de sentidos, rompendo com o fechamento próprio da paráfrase. E ainda, a ideia do pré-construído relaciona-se ao funcionamento das construções discursivas anteriores e exteriores.

Podemos perceber, entretanto, que a atribuição dos sentidos envolve nuances ideológicas que são instáveis, passíveis de deslocamentos em conformidade com os movimentos sócio-históricos em torno dos discursos.

No processo de atribuição de sentido, a condição de produção mostra-se na relação entre o sujeito e a situação discursiva referendada pelo contexto imediato e pelo contexto sócio-histórico. Ou seja, a produção de todo e qualquer enunciado supõe situações específicas que possibilitem a sua discursividade, desde o ambiente no qual está sendo proferido (contexto imediato) aos interdiscursos construídos sócio-historicamente e resgatados pela memória.

O sujeito deve ser entendido como efeito do processo discursivo, determinado pela historicidade e pela memória, por outros discursos já-ditos. Diferente da ideia de sujeito como ser empírico, na Análise de Discurso, o sujeito corresponde ao lugar ocupado num evento discursivo, podendo apresentar-se de diversas maneiras, modificando-se, adquirindo formas, posturas, comportamentos e diferentes posições discursivas.

Em todo ambiente social existe uma forma-sujeito preexistente ao nascimento dos indivíduos que determina, impõe condutas, mediante um processo de assujeitamento inconsciente marcado ideologicamente e difundido por meio da linguagem. Dessa forma, o sujeito não é transparente para outros sujeitos e nem para si próprio.

A construção dos sentidos, a capacidade de significar, sempre tem por base o gesto da interpretação, o qual não ocorre automaticamente, como se houvesse um sentido único (literal) esperando ser desvendado pelo sujeito, pois, segundo a Análise de Discurso, a interpretação trabalha com a incompletude da linguagem, buscando perceber sentidos que podem ser variados conforme as condições de produção e os efeitos de sentido constituídos pelos envolvidos na enunciação.

Sendo assim, toda produção discursiva é incompleta no sentido mesmo de ser impossível e inviável dizer tudo, há sempre um silenciamento por intermédio do

que não é dito, mas pode ser resgatado pela interpretação dos espaços em aberto, dependendo do movimento interpretativo realizado de acordo com a situação e com o momento. Sobre isso, Orlandi (2007, p.18) menciona que “O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível [...]”, a incompletude, o silêncio e a abertura não permitem toda e qualquer interpretação, porque sofre determinação das possibilidades significativas inscritas ideológica e historicamente na materialidade linguística.

O processo de interpretação perpassa pelo ambiente interdiscursivo, pois é sabido que todo dizer só significa se estiver inscrito na ordem do repetível (eixo interdiscursivo). Por conta disso, temos que, nesse ponto, atuam a memória institucionalizada que forma um arquivo com as possibilidades interpretativas definidas socialmente e a memória constitutiva, que atua com o dizível, apoiado no saber discursivo estabelecido historicamente.

A função da memória, no ato de interpretar, leva-nos a compreender a leitura como apenas um dos meios de manifestação da atribuição de sentido, porque, também no falar, a memória é imprescindível. Qualquer sentido realiza-se por meio da interpretação, logo, ela está presente em todos os momentos, o que viabiliza o surgimento de significados que constituirão sentidos para o sujeito e para a vida. De acordo com Orlandi:

> Parece-me importante esclarecer aqui que leitura e interpretação não se recobrem. A noção de interpretação é mais ampla, sendo a leitura função da interpretação com suas características particulares. Os gestos de interpretação são constitutivos tanto da leitura quanto da produção do sujeito falante. Isto porque, quando fala, o sujeito também interpreta. Para dizer, ele tem de inscrever-se no interdiscurso, tem de se filiar a um saber discursivo (uma memória). (ORLANDI, 2007, p.87-88)

A interpretação, dessa forma, é entendida como um modo de subjetivar-se, ou seja, de ocupar uma dada posição-sujeito, sendo guia da relação do sujeito com o ambiente simbólico que o cerca, inclusive com a língua e o uso que ele faz dela, seja ao falar, ao escrever, ao ler e ao representar as materialidades.

No que se refere à noção de texto, na perspectiva da Análise de Discurso, é uma entidade abstrata dotada de textualidade, na qual funciona o discurso, a possibilidade de significar, de provocar efeitos de sentido. Assim, para a realização da interpretação a palavra precisa de textualidade, já que o sentido não aparece

preso às palavras. Para Orlandi (2007, p. 52), “Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”, o sentido, longe de ser intrínseco às palavras, passa a fazer parte dessas a partir de um movimento de interdiscursos que torna possível o seu emprego. O texto configura-se, pois, como um objeto teórico constituído por frases, estando no plano do abstrato e, para a Análise de Discurso, o observável está no discurso, na textualidade. Dito de outro modo, para compreender um texto é necessário compreender como se realizam os efeitos de sentido alicerçado nele.

E ainda, o discurso, elemento observável na análise dos sentidos textuais, precisa ser considerado com base nas relações com a ideologia. Assim, da superfície linguística do texto, chega-se ao processo discursivo que possibilita compreender o real dos sentidos efetuados nas posições subjetivas dos sujeitos.

O texto funciona como uma via de acesso ao discurso, “Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso” (ORLANDI, 2010, p. 72), é, assim, uma unidade empírica de análise linguisticamente completa, mas discursivamente aberta a outras significações, permitindo várias possibilidades de leituras.

Com base nesses postulados teóricos, demonstraremos nos próximos capítulos o caminho percorrido para desenvolver as atividades voltadas para a interpretação dos sentidos implícitos, pressupostos e subentendidos, e, por meio do estudo dos dados colhidos nessas atividades, possivelmente, chegar a conclusões em relação à viabilidade ou não do desenvolvimento de outras estratégias no ensino da leitura.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, encontram-se descritos os métodos que foram seguidos na pesquisa com vistas a traçar um panorama das dificuldades na atribuição dos sentidos pressupostos e subentendidos. Para tanto, foram realizadas atividades com os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental II do Centro Educacional Professor Armênio Sant'Anna Paiva de Nova Colina, município de Boninal – Bahia.

3.1 ETAPAS DA COLETA DE DADOS

Nesta dissertação, a pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa de natureza aplicada, seguindo os procedimentos característicos da pesquisa-ação. Ao quantificar os dados, buscamos visualizar numericamente as ocorrências de atribuição ou não dos sentidos pressupostos e subentendidos e, assim, por meio da investigação numérica, aliada ao estudo das respostas dos alunos, entendermos melhor as reais dificuldades, no intuito de elencarmos possíveis caminhos para sanar os problemas identificados.

Portanto, foram realizadas quatro etapas para aplicação das atividades, a saber:

1ª Etapa:

Consistiu na interpretação de dois textos de artigo de opinião, o primeiro intitulado "No morro não tem só bandido" (ver em apêndice A), mais relacionado ao contexto social, econômico e cultural dos alunos, e o segundo "Uma aposta em todas as mídias" (ver em apêndice B), menos familiar. Os textos foram disponibilizados juntamente com perguntas norteadoras, as quais os alunos responderam individualmente.

2ª Etapa

Novas cópias das mesmas atividades realizadas na primeira etapa foram entregues aos alunos. O estudo dos textos e a resolução das questões ocorreram coletivamente, considerando as diversas atribuições de sentido feitas pelos alunos.

A professora auxiliou por meio de dicas, questionando sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos capazes de interferir na percepção dos pressupostos e subentendidos, e incitando a reflexão em torno de elementos desconhecidos que pudessem comprometer a interpretação, levando os alunos, dessa maneira, a perceberem possíveis desvios de entendimento em relação ao que está posto linguisticamente nos textos.

3ª Etapa

Neste momento, houve a explanação (feita pela professora) sobre os implícitos, com a intenção de esclarecer o modo como ocorrem os pressupostos e subentendidos. Foram usados exemplos (ver em apêndice C) entregues aos alunos para realizarem o estudo e fazerem a atribuição de sentido conforme a explicação. Tarefa realizada coletivamente com a participação de todos os alunos, e sob orientação da professora, com intenção de favorecer a percepção da possibilidade de diversificação na significação e, consequentemente, os efeitos de sentido provocados pelos elementos linguísticos em consonância com as condições de produção.

4ª Etapa

Como última atividade, o trabalho com a interpretação teve por base a significação de textos com as linguagens verbais e imagéticas e de assuntos diversos (ver em apêndice D). Individualmente, sem qualquer orientação no que tange a interpretação, os alunos realizaram o estudo dos textos, atribuindo sentido consoante a seus conhecimentos linguísticos e ainda, considerando a memória discursiva e a historicidade inscritas nos textos, enquanto materialidades, e também considerando que os alunos, enquanto leitores, também, nesse processo de leitura, se constituem em sujeitos discursivos, já que produzem sentidos e ocupam posições diferenciadas no processo discursivo.

3.2 A APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES

A aplicação das atividades ocorreu no final do ano de 2017, na única turma de 8ª série do Centro Educacional Professor Armênio Sant'Anna Paiva no distrito de Nova Colina, território da Chapada Diamantina, município de Boninal, Estado da Bahia.

A princípio, o cálculo do período disponível para a realização dos trabalhos foi de dois meses, mas as escolas foram notificadas que deveriam concluir todas as demandas, inclusive o período de recuperação, até o final do mês de novembro. Essa notificação nos trouxe um problema a ser contornado, já que foi necessário adiantar os trabalhos, na medida em que o tempo ficou bem menor que o previsto. Isso comprometeu o cumprimento total das etapas, exigindo reprogramar e reestruturar as etapas do projeto de modo que não comprometesse a pesquisa e, consequentemente, o valor dos resultados.

A turma da 8ª série, escolhida para a aplicação das atividades, possuía a maioria dos alunos da zona rural, entretanto frequentavam a zona urbana e tinham acesso fácil aos meios de comunicação como televisão, celular, internet, entre outros, não possuindo, dessa forma, característica de isolamento, e suas comunidades podem ser consideradas rurbanas[4].

No que tange à capacidade de aprendizagem, havia diferenças notáveis na turma pesquisada, os alunos demonstravam uma dificuldade geral na leitura, e poucos se concentravam durante as atividades por não compreenderem os conteúdos mais complexos. Por esse motivo, a maioria mostrava-se desinteressada pelas atividades de estudo realizadas na escola.

Os alunos, a rigor, fazem as tarefas às pressas, não prestam muita atenção nas explicações, ao que parece, não conseguem atribuir sentido entre a vida deles e os conhecimentos oferecidos pela escola; é como se lhes faltasse propósito e expectativa capazes de motivar o cumprimento, com afinco, das demandas do ambiente escolar. Trazem, talvez sem consciência, um discurso construído em seus ambientes de convívio social que repercute a ideia da escola apenas como etapa obrigatória que precisa ser cumprida, não importa em quais circunstâncias, não importa a aprendizagem e, assim, o foco é apenas o de concluir a educação básica e garantir o certificado.

---

[4] De acordo com a infopédia, "Diz-se de espaço rural onde se registra o desenvolvimento de atividades e edificações próprias de áreas urbanas".

Essas questões, aliadas à finalização do ano letivo, período voltado para as avaliações finais e fechamento dos resultados, agravaram a indisposição dos alunos para realizarem o que era proposto.

Desse modo, a primeira aula, no dia 06/11/2017, foi um espaço para conversa com a turma, para apresentação das etapas e dos propósitos do trabalho, com a intenção de garantir a participação de todos.

Após explicar o passo a passo, os alunos argumentaram que, como as atividades não seriam convertidas em bônus nas notas finais, não iriam dedicar tempo para estudar algo novo que, segundo eles, “não serviria para nada, pois o ano já estava terminando”. Assim, mesmo sabendo os procedimentos da aplicação, insistiram em questionamentos do tipo “se seriam obrigados a fazer”, “se teria valor em pontos para a unidade”, etc. e, mais uma vez, foi esclarecido que não havia obrigatoriedade e nem pontuação, mas que a participação de todos seria importante para a obtenção de resultados mais condizentes com a realidade da turma. Também foi dito que deveriam conhecer primeiro as atividades para depois avaliarem se o envolvimento nestas seria viável ou não, e, com os argumentos ditos pela professora, os alunos, aos poucos, foram cedendo, abrindo espaço para a realização da primeira atividade.

Na aula seguinte, isso ainda no dia 06/11/2017, foram aplicadas as primeiras atividades, tendo por base os textos “No morro não tem só bandido” de Giselle Santos de Paula (ver em apêndice A) e “Uma aposta em todas as mídias” de Renato Janine Ribeiro (ver em apêndice B). Como previsto, os alunos trabalharam sozinhos, sem intervenção, fizeram leitura individual e silenciosa dos textos e responderam às perguntas conforme o entendimento de cada um.

A relevância das atividades iniciais serem realizadas seguindo esses parâmetros apareceu imediatamente, ao iniciar a aplicação, porque muitos alunos mostraram-se receosos em errar as respostas; tentaram auxílio com a professora e com os colegas, até perceberem não haver possibilidade de ajuda e começaram a concentrar individualmente e responder às atividades.

Os textos com as atividades não foram entregues ao mesmo tempo; o primeiro trabalho foi com o texto “No morro não tem só bandido”, que possui uma linguagem mais próxima dos conhecimentos dos alunos e também pelo assunto ser visto por eles em diferentes lugares. Conforme iam concluindo as atividades referentes ao primeiro texto, eles recebiam o segundo texto “Uma aposta em todas

as mídias” para estudo e resolução das atividades. Vale ressaltar o nível de complexidade maior para entendimento do segundo texto, porque possui palavras desconhecidas e faz referência a nomes de pessoas que fogem do universo de conhecimento dos alunos. Por conta disso, a finalização dessa etapa ocorreu na aula do dia 07/11/2017, para disponibilizar tempo suficiente para lerem o segundo texto com atenção e responderem as quatro questões.

No geral, a turma mostrou-se apreensiva para responder as primeiras atividades e comentou sobre a dificuldade para compreender algumas questões de um assunto que nunca tinham estudado. Para que os alunos realizassem as atividades, houve a necessidade de tranquilizá-los para trabalharem sozinhos, sem intervenções, e responderem com atenção, relendo os textos e construindo respostas consoante o que cada um conseguia significar. Assim, ficaram mais despreocupados para formularem as respostas de acordo com o entendimento individual. Ainda assim, alguns alunos resistiram e não responderam às atividades do primeiro texto, estes também não responderam todas as perguntas referentes ao segundo texto, pois não estavam interessados em fazer e ficaram no canto da sala conversando.

Apesar de não admitirem, duas dessas alunas possuem muita limitação para realizar tarefas individuais, e, geralmente, para fazerem qualquer tarefa ficam sempre dependentes de uma colega desse mesmo grupo. Essa aluna possui facilidade nas tarefas, mas é muito agitada e, como ela não queria fazer as atividades, as outras também não fizeram. Outro aluno não respondeu nenhuma questão do segundo texto, nesse caso, demonstrou e relatou incompreensão, diante da insegurança preferiu deixar em branco.

Feito o estudo e a interpretação individual, a próxima tarefa teve por base os mesmos textos e atividades, mas de modo compartilhado com discussão entre os alunos e com a orientação da professora.

Então, na quarta aula, no dia 08/11/2017, os textos foram cautelosamente estudados, esclarecendo as dúvidas e os trechos que não eram compreendidos pelos alunos, possivelmente, por não fazer parte do repertório linguístico e enunciativo deles.

De início foram explicados os procedimentos que seriam adotados e foram entregues novas cópias do texto “No morro não tem só bandido”. Na medida em que recebiam a folha, alguns proferiam uma avaliação negativa por meio de frases como:

“de novo”, “já fizemos essa atividade”, entretanto, fora os comentários, não houve nenhum outro tipo de resistência. Todos atentos acompanharam a leitura completa e sem pausa feita pela professora.

Após o conhecimento global do texto, outra leitura foi realizada pela professora, dessa vez com pausas e intervenções, apontando a relação entre as partes do texto e perguntando aos alunos sobre o significado de algumas palavras para esclarecer as dúvidas. Nesse momento, mencionaram fatos mostrados na telenovela da Rede Globo “A força do querer” que, segundo eles, retratava a vida nas favelas e que tinha relação com o conteúdo do texto “No morro não tem só bandido”. Os comentários foram significativos, como também, a influência do enredo da telenovela nas considerações que fizeram sobre o texto, nas quais falaram de preconceito, falta de oportunidade, violência, drogas, prostituição, etc. e, quase sempre, acusavam o poder público pela situação de abandono vivenciada nos morros.

Concluído esse processo, chegou a hora de trabalhar as questões, seguindo o ritual de ler o enunciado, entender, para depois responder. Conforme voltavam ao texto, muitos alunos solicitaram explicação extra do enunciado da primeira questão. Após as explicações, os alunos ficaram mais à vontade, embora não muito empolgados em repetir a mesma atividade, entretanto, ainda assim, fizeram tudo conforme o solicitado.

O texto “Uma aposta em todas as mídias” passou também pela reaplicação seguindo o mesmo processo adotado com o texto “No morro não tem só bandido”, isso na segunda aula do dia 08/11/2017. Como esse texto exige uma leitura mais complexa, foi preciso explicar nomes como Gutemberg, Billl Gates e Leonardo Da Vinci, relatando um pouco da importância histórica de cada um. Houve, também, a necessidade de ajudá-los a compreender o sentido de palavras como “códice” e “multímeios”.

Em relação ao entendimento do texto “Uma aposta em todas as mídias”, os alunos tiveram dificuldades para entender que o texto não tratava apenas das mídias modernas e que o livro também é uma mídia. Isso ficou mais visível na medida em que, por vezes, ao comentarem o conteúdo do texto, relataram apenas a televisão como a única mídia existente, situação que exigiu muita explicação do significado da palavra “mídia” para compreenderem até mesmo o sentido do título do texto. Em comparação com o primeiro texto, os alunos exigiram mais auxílio no entendimento

textual e na resolução das perguntas, demonstraram muitas dúvidas, inclusive em relação aos enunciados e solicitaram, muitas vezes, intervenção da professora. De acordo com o transcorrer da atividade, diante da necessidade de mais tempo apresentada pela turma, foi preciso utilizar uma aula do dia 13/11/2017 para terminarem de responder às questões.

Na aula seguinte, ainda no dia 13/11/2017, os trabalhos foram direcionados para o entendimento de como ocorrem os sentidos pressupostos e subentendidos. Foram usados exemplos em folhas impressas entregues aos alunos para que acompanhassem a explicação, identificando os sentidos nas sentenças. Primeiro houve uma breve explicação dos conceitos, depois os exemplos foram usados como suporte para facilitar a compreensão. Na condução das explicações, a professora questionava sobre os pressupostos e os subentendidos possíveis em cada sentença. Por sua vez, os alunos, quando identificavam esses conceitos, falavam em voz alta, surgindo, dessa forma, um ambiente de construção interessante, porque refletiam com os colegas sobre os sentidos que estavam atribuindo, faziam novas leituras e davam outros sentidos com a orientação da professora, principalmente, quando fugiam das possibilidades dadas pelos enunciados apresentados.

À medida que exploravam os exemplos, os alunos apresentavam facilidade em atribuir os sentidos pressupostos e subentendidos em textos curtos e, além disso, com a explicação imediata, diferente da experiência vivida no estudo do texto “Uma aposta em todas as mídias”.

Uma parte considerável da turma participou bastante da aula, percebendo sem esforço os sentidos possíveis por meio dos elementos linguísticos, os pressupostos, e também os que dependiam de fatores além do linguístico, no caso, os subentendidos. O rendimento bastante favorável deixou uma impressão que tinham desenvolvido a aptidão em perceber os sentidos implícitos, pressupostos e subentendidos, em quaisquer situações.

A ideia inicial era explicar as marcas linguísticas que contribuem na construção de pressupostos e suas classificações gramaticais, no entanto, os alunos não conseguiram acompanhar, porque, apesar de já terem estudado as classes gramaticais, apenas alguns reconheciam substantivos e verbos. Portanto, para que pudessem desenvolver a contento esse ponto, precisaria relembrar quase todo o conteúdo sobre as classes gramaticais. No entanto, como já dissemos, não havia

tempo disponível, por isso tivemos que continuar as atividades sem desenvolver questões linguísticas que poderiam trazer uma maior contribuição aos alunos, no que se refere a entender os pressupostos e os subentendidos.

Durante uma aula, no dia 14/11/2017, trabalhamos uma pequena noção das marcas linguísticas que facilitam a identificação dos pressupostos. Porém, a aula não teve bom rendimento, porque os alunos ficaram dispersos, mostrando que algo não estava funcionando. Dessa forma, tivemos que alterar a dinâmica e, ao invés de explicar com exemplos na lousa, os alunos foram incitados a identificarem as palavras nos exemplos que levavam ao pressuposto e fazerem a devida classificação gramatical. Apesar da mudança, não houve aproveitamento satisfatório dos alunos, pois tentavam adivinhar quais as palavras estavam vinculadas aos pressupostos, sem nenhuma consciência do que estavam falando. Desse modo, compreendemos que em razão das dificuldades apresentadas pelos alunos, não seria possível prosseguir nessa direção.

Como últimas tarefas, usamos textos com as linguagens verbais e imagéticas para que os alunos fizessem a identificação dos sentidos pressupostos e subentendidos em cada situação, no intuito de verificar como seria a desenvoltura deles após o processo de explicação.

Ao iniciarem a atividade, pediram para explicar de novo como ocorriam os implícitos em questão, o que foi negado pela professora, pois aquele se configurava como um momento para fazerem a leitura e a atribuição de sentidos dos textos sozinhos, recordando as atividades feitas no decorrer das aulas, como também as explicações. Assim fizeram, sem nenhuma resistência e, tranquilamente, mas demonstraram em suas falas que tinham dúvidas e dificuldades para responder adequadamente ao solicitado, contrariando a impressão de aprendizagem provocada no momento em que foram usados os exemplos isolados na explicação do conteúdo.

As últimas tarefas supracitadas foram aplicadas no dia 15/11/2017, os alunos precisaram de uma aula e meia para realizá-las, desse modo, por conta do tempo, usamos o restante da segunda aula para agradecer a turma. Nesse momento, em resposta, os alunos fizeram uma boa avaliação das aulas, dizendo que “seria bom estudar mais sobre pressupostos e subentendidos”, “o assunto é complicado, mas é útil”, tais relatos tiraram o peso inicial da resistência em realizar as atividades, mostrando que para alguns alunos as aulas foram significativas.

As etapas do projeto foram desenvolvidas em 10 aulas, mesmo após a reestruturação e adaptação do passo a passo. Apesar do pouco tempo, a forma como as atividades foram realizadas foi suficiente para colher os dados capazes de demonstrar a capacidade de interpretação dos alunos da 8ª série em relação aos sentidos pressupostos e subentendidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção aborda a apresentação da análise e discussão dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, tendo como suporte o uso de tabelas com a tabulação numérica obtida em cada atividade, perfazendo um total de seis tabelas.

Com a intenção de facilitar a análise, selecionamos algumas possibilidades de resposta para cada questão, por exemplo, para o enunciado *"quando sair de casa, não se esqueça de levar um casaco"*, destacamos como possíveis os pressupostos *"a pessoa tem um casaco"* e "*a pessoa ainda não saiu"*, e os subentendidos *"está frio lá fora"* e *"a pessoa é esquecida"*, mas, mantendo a abertura para outras formulações de sentido desde que apresentassem relação com os elementos linguísticos.

Dessa forma, ao observar os resultados da pesquisa, consideramos como plausíveis as respostas condizentes com os sentidos permitidos pelos elementos linguísticos e discursivos, ou não plausíveis, caso estivessem desvinculadas do contexto linguístico e discursivo, ou se fossem mera cópia dos textos, por exemplo, para o enunciado *"a aluna deixou de sair aos sábados para estudar mais"* conceituamos como plausível o pressuposto *"a aluna saía todos os sábados"* tomando-se por base a ideia passada pelo verbo "deixou", e como sentidos subentendidos plausíveis as formulações *"a aluna queria ser aprovada"*, *"a aluna é dedicada"* ou *"a aluna é baladeira"*, etc., aqui o direcionamento da interpretação dependerá do lugar histórico, social e discursivo dos envolvidos na enunciação. A classificação dos sentidos atribuídos pelos alunos como não plausíveis seguiu o critério de impossibilidade de realização, a depender de como foi dado linguisticamente pelo enunciado.

As tabelas estão organizadas de acordo com a ordem de aplicação das atividades e, durante a análise, optamos por usar as siglas PRP em lugar de possibilidade de resposta para o pressuposto e PRS em lugar de possibilidade de resposta para o subentendido.

A tabela 1 retrata os dados da primeira aplicação do texto "No morro não tem só bandido" (ver em apêndice A), no momento havia 21 (vinte e um) alunos presentes e todos realizaram a atividade.

Tabela 1: Número de respostas plausíveis e não plausíveis da primeira aplicação do texto “No morro não tem só bandido”

	Resposta plausível	Resposta não plausível	Deixou em branco	Total
1ª questão Pressuposto	10	7	4	21
2ª questão Subentendido	15	3	3	21

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

Na tabela 1 estão representados numericamente os resultados da primeira aplicação do texto “No morro não tem só bandido”, na qual foram direcionadas duas questões, a primeira voltada para a atribuição de sentidos pressupostos e a segunda para os subentendidos. Durante a resolução das questões não houve nenhum tipo de auxílio ou explicação.

O texto usado trata da vida nos morros (favelas), assunto que esteve no enredo de uma telenovela da Rede Globo intitulada “A força do querer”, transmitida um pouco antes da aplicação da atividade. Esse fato foi comentado entre os alunos e, certamente, influenciou na atribuição dos sentidos do texto, porque houve a aproximação do conteúdo com a realidade imediata presenciada nas cenas da telenovela, ou seja, por haver um discurso em circulação, com o mesmo assunto relacionado ao texto, os alunos tiveram maior facilidade para trilharem um caminho interpretativo condizente com as possibilidades de resposta elencadas.

Para a atribuição dos sentidos pressupostos, vale considerar que na primeira questão foi solicitada a explicação do significado da palavra “acredito” e que essa palavra aparece no texto entre pontos, exigindo, assim, um retorno ao conteúdo anterior para realizar a significação. Os dados da tabela 1 demonstram 10 (dez) respostas plausíveis para essa questão com base nas seguintes possibilidades:

PRP¹ = A autora do texto crê que é mentira que no morro só mora bandido.

PRP² = Para a autora, no morro mora outras pessoas que não são bandidos.

No que se refere aos subentendidos, ocorreram 15 (quinze) respostas plausíveis para a seguinte questão “após a leitura do texto, é possível afirmar que o morro é um lugar de paz?” tendo como suporte as possibilidades de resposta:

PRS[1] = Não, porque os moradores da favela têm uma vida difícil.

PRS[2] = Não, porque na favela tem bandido e tiros quase todo dia.

PRS[3] = Não, por causa do tráfico de drogas, da violência e do medo.

PRS[4] = Em algumas situações sim e em outras não, porque além dos bandidos, no morro existe também gente de paz.

É possível concluir, ao observar a tabela 1, que os alunos apresentaram dificuldade na atribuição dos sentidos pressupostos e que a resposta para a segunda questão, apesar de não ter como total referência elementos escritos no texto, foi facilmente construída por uma quantidade maior dos alunos. Entretanto, não houve grande distorção nos resultados, podendo afirmar que o texto foi bem compreendido. As respostas em branco não apresentam dados relevantes, haja vista a indisposição de três alunas para realizar a atividade.

A tabela 2 expõe os resultados da aplicação do segundo texto e, diferentemente do primeiro, que teve apenas 2 (duas) questões, contou com 4 (quatro) questões, duas voltadas para os sentidos pressupostos e duas para os subentendidos, 21 (vinte e um) alunos realizaram essa atividade.

Tabela 2: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na primeira aplicação do texto “Uma aposta em todas as mídias”

	Resposta plausível	**Resposta não plausível**	**Deixou em branco**	**Total**
1ª questão Pressuposto	2	18	1	21
2ª questão Subentendido	0	17	4	21
3ª questão Pressuposto	5	15	1	21
4ª questão Subentendido	1	19	1	21

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

Na primeira questão foi usado o enunciado “Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão**‘a tela é fria’**?”, obtendo 18 respostas não plausíveis e 2 plausíveis e na terceira questão, também sobre o sentido

pressuposto, fizemos o seguinte direcionamento: “Volte ao último parágrafo e explique o trecho **‘nosso mundo exige que sejamos multímeios**’”, na qual foram dadas 15 respostas não plausíveis e 5 plausíveis, consideradas com base na previsão de respostas exposta a seguir:

Para a primeira questão:

PRP¹ = A tela não é quente.

E para a terceira questão:

PRP¹ = O mundo exige que saibamos usar vários instrumentos para adquirir conhecimentos e habilidades.

No que tange às questões voltadas para os subentendidos, foram lançadas a partir dos enunciados “De acordo com o texto, as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta” na segunda questão, a qual rendeu 17 interpretações não plausíveis com base na possível resposta:

PRS¹ = Não, porque existe espaço para todas as mídias, as pessoas optam pela mídia mais adequada para cada situação e necessidade.

E, na quarta questão perguntamos: “Qual o significado do trecho do texto **‘não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci’**” que obteve 19 respostas consideradas não plausíveis mediante as seguintes possibilidades previstas:

PRS¹ = O livro continua sendo importante mesmo com as novas mídias, pois Bill Gates, fundador de uma grande empresa de programa de computador, gastou muito dinheiro para comprar um livro de Leonardo Da Vinci.

PRS² =Uma pessoa rica que pode ter acesso às mais avançadas mídias preferiu gastar dinheiro comprando um livro.

Percebemos, pela quantidade de respostas não plausíveis na tabela 2, que em todas as questões apareceram dificuldades na atribuição de sentido. Não houve número considerável como plausível na identificação tanto dos pressupostos quanto dos subentendidos, evidenciando que, por conta de serem discursos não conhecidos dos alunos, esses não foram capazes de embasar a leitura e o entendimento do texto.

A significação do texto “Uma aposta em todas as mídias” (ver em apêndice B) foi mais complexa, possivelmente por conter informações que fogem do discurso dos alunos e boa parte dos elementos linguísticos usados serem estranhos ao acervo lexical deles. O conteúdo do texto trata da substituição das mídias velhas pelas mais modernas, ressaltando a existência de espaço para todas as mídias em consonância com a necessidade, a desenvoltura, a motivação e o encantamento de cada pessoa.

No processo de reaplicação desses textos tratados nas tabelas 1 e 2, menos alunos realizaram as atividades, foram 21 (vinte e um) na primeira aplicação e 17 (dezessete) alunos na reaplicação, mas, analisando as tabelas 3 e 4, fica claro que houve pouca alteração nos resultados.

Tabela 3: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na segunda aplicação do texto “No morro não tem só bandido”

	Resposta plausível	**Resposta não plausível**	**Deixou em branco**	**Total**
1ª questão Pressuposto	17	0	0	17
2ª questão Subentendido	14	3	0	17

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

A terceira atividade consistiu na reaplicação do primeiro texto, só que dessa vez os alunos puderam esclarecer dúvidas, fazer questionamentos e trocar informações entre si e com a professora. Conforme pode ser visualizado nos dados da tabela 3, o trabalho de interpretação, ocorrendo de modo compartilhado, elevou para 100% as respostas plausíveis na questão sobre o pressuposto, e apenas 3 (três) respostas foram não plausíveis na atribuição do subentendido. Desde a primeira aplicação, o número de respostas plausíveis foi bastante considerável e está demonstrado na tabela 1. De qualquer forma, nesse segundo momento, os resultados melhoraram ainda mais. Na atribuição do sentido pressuposto, por exemplo, 50% das respostas foram plausíveis na primeira aplicação do texto e

aumentou para 100%. No caso do subentendido, praticamente não ocorreu alteração nos resultados da primeira para a segunda aplicação, haja vista a quantidade de alunos que realizaram a atividade em cada momento.

Os dados numéricos da segunda aplicação do primeiro texto mostram que a participação da professora junto com os alunos, lendo e auxiliando na compreensão das questões e do texto, facilitou ainda mais o processo de significação.

O texto “Uma aposta em todas as mídias” (ver em apêndice B) também passou pela reaplicação e apenas 16 (dezesseis) alunos realizaram a atividade, porque alguns faltaram neste dia. Os resultados estão expostos na tabela 4:

Tabela 4: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na segunda aplicação do texto “Uma aposta em todas as mídias”

	Resposta plausível	**Resposta não plausível**	**Deixou em branco**	**Total**
1ª questão Pressuposto	6	10	0	16
2ª questão Subentendido	0	16	0	16
3ª questão Pressuposto	8	8	0	16
4ª questão Subentendido	4	12	0	16

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

Fazendo um paralelo entre as aplicações da mesma atividade, observamos que a primeira questão passou por uma pequena alteração no número de respostas plausíveis em relação aos dados da tabela 2; a segunda questão continua com nenhuma resposta plausível; já a terceira questão que antes obteve a maioria das respostas não plausível, agora as respostas plausíveis e não plausíveis alcançaram o mesmo patamar numérico; na quarta houve um aumento de 1 (uma) para 4 (quatro) respostas plausíveis, indicando assim, que o texto não provocou efeitos de sentido possíveis, fazendo os alunos desvirtuar as suas respostas.

Comparando a quantidade de respostas plausíveis das questões 01 e 03 com as das questões 02 e 04 (na tabela 4), podemos dizer que os alunos reconheceram melhor os pressupostos do que os subentendidos, ou seja, foi mais fácil observar os sentidos por meio dos elementos linguísticos do que a atribuição de significados por meio da enunciação. Cabe salientar, baseado nos comentários da análise da tabela 2, o distanciamento do texto trabalhado da realidade imediata dos alunos, todavia no

momento de reaplicação houve participação intensa da professora e liberdade para trocarem informações.

Observamos, dessa forma, alteração no número de respostas não plausíveis de acordo com as informações da tabela 4 em comparação com a tabela 2, no entanto, não o suficiente para elevar satisfatoriamente a quantidade de respostas plausíveis, demonstrando assim que, mesmo com orientação e auxílio, as dificuldades de significação permaneceram quase inalteradas.

Seguindo as análises, a tabela 5 refere-se aos dados numéricos das respostas elaboradas pelos alunos durante a utilização dos exemplos na explicação do conteúdo:

Tabela 5: Número de respostas plausíveis e não plausíveis nos exemplos usados durante as explicações

	Resposta plausível	**Resposta não plausível**	**Deixou em branco**	**Total**
1º exemplo Pressuposto	19	0	0	19
1º exemplo Subentendido	19	0	0	19
2º exemplo Pressuposto	19	0	0	19
2º exemplo Subentendido	19	0	0	19
3º exemplo Pressuposto	19	0	0	19
3º exemplo Subentendido	19	0	0	19
4º exemplo Pressuposto	19	0	0	19
4º exemplo Subentendido	19	0	0	19
5º exemplo Pressuposto	19	0	0	19
5º exemplo Subentendido	19	0	0	19
6º exemplo Pressuposto	11	8	0	19
6º exemplo Subentendido	19	0	0	19
7º exemplo Pressuposto	1	18	0	19
7º exemplo Subentendido	19	0	0	19

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

Tabulamos esses dados com base nos seguintes exemplos e possibilidades de resposta:

(01) Ela está cansada de ser professora.

PRP¹ = Ela é professora.

PRS¹ = O salário é baixo.

PRS² = Há muita indisciplina.

(02) Infelizmente, minhas notas continuam baixas.

PRP¹ = As notas já eram baixas.

PRP² = A pessoa não está satisfeita com as notas.

PRS¹ = A pessoa não estudou.

PRS² =A pessoa não compreendeu o assunto.

(03) Decidi deixar de comer carne.

PRP¹ = A pessoa comia carne antes.

PRS¹ = O médico proibiu o consumo de carne.

PRS² = A carne está cara.

PRS³ = A pessoa decidiu abolir o consumo de alimentos de origem animal.

(04) Finalmente acabei meu trabalho.

PRP¹ = Demorou para terminar.

PRS¹ = Estava sem tempo.

PRS² = Sempre deixava para depois.

(05) Alunos que estudam pela manhã costumam ter melhor rendimento.

PRP¹ = Há alunos que não estudam pela manhã.

PRS¹ = Pela manhã a mente está mais descansada.

PRS² = Os melhores professores lecionam pela manhã.

(06) Quando sair de casa, não se esqueça de levar um casaco.

PRP¹ = A pessoa tem um casaco.

PRP² = A pessoa ainda não saiu.

PRS¹ = Está frio lá fora.

PRS² = A pessoa é esquecida.

(07) Já tenho a garganta seca de tanto falar.

PRP¹ = A pessoa falou muito.

PRS¹ = Quero um copo com água.

PRS² = Quero parar de falar.

PRS³ = Estou com sede.

Para a realização dessa atividade, estiveram presentes 19 (dezenove) alunos, de maneira que, de acordo com o mostrado na tabela 5, a quantidade de 19 (dezenove) respostas plausíveis em relação aos subentendidos em todos os 7 (sete) exemplos e, em 5 (cinco) deles, quando se trata dos pressupostos, indica maior facilidade dos alunos para perceber esses sentidos em exemplos curtos, em enunciados simples, dissociados de um texto mais extenso, e podendo fazer as leituras dos enunciados de forma coletiva e também quando são submetidos às tarefas imediatamente após as explicações.

Mesmo assim, no sexto exemplo, na identificação do pressuposto, um número considerável de alunos construiu respostas não condizentes com as possibilidades elencadas, totalizando 8 (oito) casos que responderam como pressuposto *"não esqueça o casaco"*, nesse caso, apenas copiaram um trecho do que foi posto na frase, e no sétimo exemplo, ainda em relação aos pressupostos, apenas uma resposta foi plausível, na qual apareceu exatamente o previsto em PRP¹. Cabe mencionar que PRP¹ apareceu como resposta em todas as outras atividades, mas como sentido subentendido, o pressuposto, nessas atividades, restringiu-se a *"a garganta seca"*, não passando de uma cópia de um trecho do enunciado. Podemos considerar, sobre o sétimo exemplo, uma demonstração de que os alunos ainda não dominaram bem o conteúdo, pois identificaram os sentidos, mas não souberam distinguir qual estava pressuposto e qual aparecia como subentendido.

Por fim, os dados quantificados das últimas atividades aplicadas estão demonstrados na tabela 6:

Tabela 6: Número de respostas plausíveis e não plausíveis na atribuição de sentido em textos verbais e imagéticos

	Resposta plausível	**Resposta não plausível**	**Deixou em branco**	**Total**
1º texto Pressuposto	13	9	0	22
1º texto Subentendido	11	8	3	22
2º texto Pressuposto	2	17	3	22
2º texto Subentendido	7	13	2	22
3º texto Pressuposto	15	7	0	22
3º texto Subentendido	6	15	1	22

4º texto Pressuposto	2	17	3	22
4º texto Subentendido	9	10	3	22

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

No trabalho com textos usando a linguagem verbal e imagética, selecionamos quatro textos para os alunos identificarem os sentidos pressupostos e subentendidos em cada um e, na última questão, deveriam comentar sobre a utilidade de estudar sobre esse assunto. 22 (vinte e dois) alunos participaram e, pelo observado na tabela 6, o índice numérico de respostas não plausíveis aparece acentuado, apenas em 3 (três) questões a quantidade de respostas plausíveis superou as não plausíveis, sendo que 2 (duas) foram relacionadas aos sentidos pressupostos e uma sobre o subentendido. Foi relevante, também, o número de respostas em branco, evidenciando que, apesar das explicações, das atividades realizadas anteriormente e das imagens presentes nesses últimos textos, os alunos continuam apresentando dificuldades no processo de significação dos sentidos implícitos.

Analisando isoladamente, observamos que, no primeiro texto apresentado a seguir:

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

E com base nas possíveis respostas:

PRP¹ = A senhora Clotilde é casada.

PRP² = O marido da senhora Clotilde passou a ser um bolinho de frango.

PRS¹ = O marido da senhora Clotilde morreu.

Apesar do uso da palavra inglesa “nugets” (não comum no vocabulário dos alunos) como elemento imprescindível para a interpretação, isso não dificultou o entendimento, graças à situação apresentada pelos elementos verbais e não verbais proporcionar, pela enunciação, uma memória que possibilitou alcançar, de um total de 22 (vinte e duas) respostas, 13 (treze) plausíveis para o sentido pressuposto e 11 (onze) para o subentendido.

Para o segundo texto,

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

elencamos as prováveis respostas:

PRP¹ = O garoto de camisa vermelha participou de uma competição.

PRP² = O garoto de camisa laranja tem uma camisa dos strones.

PRP³ = O garoto de camisa vermelha está sentindo frio.

PRS¹ = O garoto de camisa verde se sente superior às outras pessoas.

PRS² = O garoto de camisa verde quer ser melhor em tudo.

PRS³ = O garoto de camisa verde é invejoso.

PRS⁴ = O garoto de camisa verde sempre quer ser superior, a ponto de querer se destacar até nas coisas ruins.

Ponderando o texto juntamente com as possibilidades de resposta, percebemos que não provocou sentidos apropriados em relação aos esperados levando os alunos, algumas vezes, a copiar trechos das falas, principalmente em relação aos pressupostos. Os dados da tabela 6 apresentam apenas 2 (duas) respostas plausíveis para os pressupostos e 7 (sete) para os subentendidos, confirmando que a maioria não realizou a significação satisfatória mesmo com o aspecto irreverente da situação comunicativa.

Na identificação dos sentidos possíveis de serem pressupostos a partir do terceiro texto

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

foi alcançada a marca de 15 (quinze) respostas plausíveis com base nos elementos linguísticos, ou seja, para o sentido pressuposto, entretanto apenas 6 (seis) respostas puderam ser consideradas possíveis no que tange aos subentendidos. Usamos como critério de análise as seguintes respostas:

PRP[1] = Fogaça foi prefeito antes.

PRP[2] = Fogaça tem novamente o desejo de ser prefeito.

PRS[1] = Fogaça não foi bom prefeito, porque as pessoas não se lembram de sua atuação na gestão anterior.

A atribuição de sentido com base nas memórias discursivas dos alunos mostrou-se difícil, mesmo o texto possuindo um conteúdo bastante explorado no cotidiano deles, pois, de quatro em quatro anos, eles vivenciam disputas intensas

para a prefeitura do município que, por ser um município pequeno, tem campanhas eleitorais que afetam a rotina de todos.

Da mesma forma, o quarto texto traz uma situação discursiva familiar na vida dos alunos, veja abaixo:

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

O Natal é uma comemoração que ocorre todos os anos e conta com muita propaganda nos meios de comunicação de massa, por isso imaginamos que, facilmente, conseguiriam atribuir sentido ao texto. Os dados da tabela 6 não ratificam essa ideia porque ocorreram apenas 2 (duas) respostas plausíveis para o pressuposto e 9 (nove) para o subentendido computadas a partir de:

PRP[1] = Alguém faz aniversário no dia de Natal.

PRS[1] = O menino ganhou a bike e o videogame no dia de Natal.

PRS[2] = O nascimento de Jesus quase não é lembrado pelas pessoas no dia de Natal.

PRS[3] = O Natal se transformou em uma data de troca de presentes, perdendo o sentido cristão.

Faltou, nesse caso, um conhecimento a respeito de discursos que levassem ao sentido cristão do Natal para favorecer a significação, faltou, também, a capacidade de relacionar a situação apresentada aos discursos voltados para os interesses comerciais que envolvem a data.

4.1 A INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS NOS TEXTOS VERBAIS

Nesta seção, apresentamos separadamente as considerações analíticas das respostas dos alunos em 3 (três) atividades de cada aplicação do texto “No morro não tem só bandido” e do texto “Uma aposta em todas as mídias”, no intuito de visualizar, a partir delas,uma noção da interpretação realizada por eles. Para tanto, utilizamos a Semântica da Enunciação para o posicionamento teórico dos dados coletados na pesquisa e restringimos a análise a questões ligadas ao sentido, especialmente a dois tipos de implícitos: os pressupostos e subentendidos, desconsiderando aspectos relacionados à falta de pontuação, de acentuação, desvios ortográficos, etc.

Atribuímos os códigos A^1 para as atividades do primeiro aluno, A^2 para o segundo e A^3 para o terceiro, da mesma forma para as questões definimos Q^1 em lugar da primeira questão, Q^2 para a segunda, e assim sucessivamente.

Do texto “No morro não tem só bandido”, temos:

Q^1 = Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

Q^2 = Após a leitura do texto, é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

O que está posto no enunciado de Q^1 é a solicitação do entendimento do sentido pressuposto por meio da palavra “*acredito”*. Já o que está posto em Q^2 pede uma leitura completa do texto para só depois os alunos atribuírem os sentidos subentendidos conforme previsto em PRS^1, PRS^2 e PRS^3 ou outras formulações com embasamento nos elementos linguísticos postos no texto.

Na primeira aplicação do texto em análise, para Q^1 em A^1 foi dada a resposta “*subindo a ladeira ouvir una frase de um grupo de jovens que desconhece o meu lugar dizendo que mo morro so mora bandido isso não e verdade acredito isso e preconceito.”*, a qual não passa de uma cópia do primeiro parágrafo do texto em que aparece o elemento linguístico destacado como base para a interpretação. Essa resposta indica que o aluno não foi capaz de atribuir o sentido pressuposto por meio da palavra *“acredito”*, confundindo o processo de pressupor com a simples identificação do trecho no qual o elemento linguístico está inserido.

Em A^1 a resposta para Q^2 também foi um parágrafo copiado do texto, o trecho: *"a televisão não mostra um o lado bom do morro as brincadeiras das crianças a anizade da comunidade as pessas que são bãos e querem fazer a favela bonita e um lugar bom de viver.*", como não houve elaboração por parte do aluno é difícil confirmar a sua interpretação, porém, pelo que está posto pelos elementos linguísticos expondo a existência do *"lado bom do morro",* é possível supor que o aluno quis demonstrar um entendimento do morro como um lugar de paz, melhor dizendo, podemos entender que, por trás da opção de responder com o parágrafo que relata as coisas boas do morro, existe a possibilidade de dizer o que não está dito: se tem tanta coisa boa no morro, logo o morro é um lugar de paz, isso fica subentendido na cópia do texto, conclusão que é fruto da interpretação alheia podendo ser negada pelo aluno.

Na segunda aplicação dessa atividade, o mesmo aluno construiu novas respostas. Para Q^1 ele respondeu *"que no morro não nora so bandido"*, percebemos aqui uma construção mais condizente com o proposto pelo enunciado de Q^1 em comparação com a resposta dada na primeira aplicação, embora faltasse demonstrar o sentido do termo linguístico "*acredito"*, destacado do parágrafo para servir como ponto central da interpretação, conforme indicado em PRP^1 e PRP^2.

No que se refere ao subentendido solicitado em Q^2, a resposta *"não porque no norro so tem mutio bandido pergosos"* não atende a nenhuma das possibilidades de PRS^1, PRS^2 e PRS^3, mas configura-se como plausível dado o enunciado de Q^2. Certamente, a atribuição do sentido subentendido, nesse caso em que houve a afirmação que "*no norro so tem mutio bandido pergosos"*, foi fruto mais da leitura feita pelo aluno com base em outras enunciações, como, por exemplo, da novela da Rede Globo "A força do querer" (comentamos essa possível influência na interpretação na seção "a aplicação das atividades"), do que pelo que está posto no texto, pois o conteúdo textual não expõe claramente o entendimento do morro como um local habitado somente por bandidos perigosos.

Observamos que as respostas em A^1, na primeira aplicação do texto, ficaram restritas a repetição de trechos do texto sem apresentar vínculo com as possibilidades de respostas elencadas anteriormente em PRP^1 e PRP^2 para Q^1 e em PRS^1, PRS^2 e PRS^3 para Q^2, mas, na segunda aplicação, o aluno demonstrou melhor capacidade de compreensão dos sentidos implícitos em estudo, apesar de se contradizer quando traz como pressuposto em Q^1 *"que no morro não nora so*

bandido" e responde *"não porque no norro so tem mutio bandido pergosos"* para o subentendido em Q^2, se a leitura do texto leva a pressupor que no morro não mora **só** bandido fica difícil subentender, com base no mesmo texto, que no morro **só** tem bandidos perigosos.

Ainda em relação à primeira aplicação do texto "No morro não tem só bandido", tivemos como resposta de A^2 para Q^1 *"acredito que nem todos que moram no morro são bandidos, muitos são trabalhadores honestos que saem toda manha para trabalhar para comprar o pão de todo dia."*, dessa forma, A^2 demonstra a realização de uma interpretação apropriada para o esperado em PRP^2, pois relata que existem outros moradores no morro além dos bandidos, pressuposição possível, haja vista as informações do texto, principalmente, o que está posto no primeiro parágrafo, dando margem a elaboração desse sentido. Ao grafar a resposta, A^2 utilizou a mesma palavra usada em Q^1 da qual deveria pressupor o sentido, assim, causa a impressão de que é uma crença dele e não fruto do entendimento do sentido da palavra *"acredito"* naquela enunciação.

Em Q^2, a interpretação feita pelo mesmo aluno não aparece de modo muito claro, já que A^2 escreveu *"muitos pensam que só por que você mora em favela ou bairro pobre você e bandido ou traficante Algunas podem ter sim mais por conta do governo que deixam muitos sem trabalho ou passando fome isso causa muita revolta entre essas pessoas deixando as agrecivas."*. De qualquer forma, essa construção sugere uma explicação do motivo do morro nem sempre ser um ambiente de paz, permitindo-nos subentender um meio termo na resposta, melhor dizendo, ao dizer que nem todos os moradores da favela são bandidos, traficantes ou pessoas agressivas, mas alguns são, leva-nos a concluir que por isso na favela às vezes tem paz e às vezes não, entretanto é impossível assegurar se a intenção de A^2 foi transmitir essa ideia.

Assim, temos que A^2, na segunda aplicação da atividade, trouxe como entendimento de Q^1 o mesmo pressuposto dado na primeira aplicação e previsto em PRP^2, entretanto de forma resumida e, mais uma vez, usou a palavra *"acredito"* para introduzir a resposta, provocando a mesma impressão de ser uma crença particular sua. Agora A^2 respondeu *"acredito que no morro não tem só bandido"*, em lugar de detalhar que no morro tem trabalhadores honestos como fez na primeira aplicação, simplesmente disse que não tem só bandido.

Perante o enunciado de Q^2, ao responder a atividade pela segunda vez, A^2 escreveu *“sim lá tanbén existem pessoas com coração bom”*, o que está posto linguisticamente traz a noção do morro como um lugar onde residem pessoas ruins e, também, pessoas de bom coração, levando à conclusão que se tem gente boa, então pode ser um ambiente de paz. É sabido, pois, que o simples fato de ter gente boa não garante as características necessárias para que o morro seja considerado um ambiente pacífico, porque as pessoas ruins podem perturbar essa paz. Tal leitura de A^2 não enquadra em nenhuma das possibilidades estabelecidas em PRS^1, PRS^2 e PRS^3. Provavelmente, a leitura de A^2 surgiu por meio de outras enunciações, em outros ambientes discursivos.

Não ocorreu alteração na significação de Q^1 e Q^2 nas duas atividades, de modo que A^2 apenas alterou as palavras na segunda aplicação, optando por uma escrita mais resumida e deixou claro em Q^2 que o morro é um lugar de paz, apesar da explicação, vinda depois do *“sim”*, possibilitar o entendimento como um meio termo na resposta.

Em A^3 foi dada a seguinte resposta para Q^1 *“que ele acredita que aquele lugar não é ingual as pessas das cidade penca que lá também tem pessoas onestas e com vontade de trabalhar, tem crianças que querem estudar, pais querendo trabalho e acredito que isso um dia vai nudar e vai tornar uma favela feliz com todos felizes.”*, notamos aí a viabilidade do sentido apresentado ao relacioná-lo com PRP^2, já que o texto expõe pelos elementos postos que no morro não mora apenas bandido. O modo de construção da resposta de A^3 parece um resumo do texto, pois escreveu o sentido pressuposto usando as partes que evidenciam que moram outras pessoas no morro além dos bandidos e, ainda, finalizou com a esperança de um final feliz.

Continuando com as análises, A^3 em Q^2 apresentou o sentido subentendido atribuído ao que está posto no texto em conformidade com as possibilidades de respostas elencadas, isso por meio da elaboração *“não o morro não é um lugar de paz, por que os bandidos de la troca tiro sempre com a policia e os moradores de la fican todos assustados e Algums deles ficam com medo de ir trabalho para trazer o pão de cada dia para os filhos. e as criamcas que queria ter um futuro melhor não pode por causa dos bandido e de mortos....”* assim, percebemos no trecho *“por que os bandidos de la troca tiro sempre com a policia”* o subentendido previsto em PRS^2 e em *“os moradores de la fican todos assustados e Algums deles ficam com medo de ir trabalho para trazer o pão de cada dia para os filhos. e as criamcas que queria*

ter um futuro melhor não pode por causa dos bandido e de mortos...." o subentendido de PRS^3.

Na segunda aplicação do texto, A^3 manteve o pressuposto de Q^1 elaborado na primeira aplicação com a diferença de trazer uma construção mais resumida e direta: *"que ele acredita que no morro não so tem bandido"*, usa novamente o pronome *"ele"* para indicar que a crença é de outra pessoa, provavelmente, a autora do texto, desse modo permanece o sentido de PRP^2.

A mesma coisa ocorre em A^3 ao dizer em Q^2 *"não, por que os bandidos de lá fican trocando tiro com a policia e com iss a favela não é um lugar de paz."*, assim é uma repetição sintética da resposta da primeira aplicação da atividade, por conta disso, vincula-se apenas ao subentendido dado como possibilidade em PRS^2.

Da primeira para a segunda aplicação do texto tanto em Q^1 quanto em Q^2, A^3 não alterou suas respostas, fez simplesmente dizer a mesma coisa de forma resumida.

Passamos, agora, a descrever o estudo dos dados referentes ao texto "Uma aposta em todas as mídias", o qual teve como norteadoras da atribuição de sentido as questões a seguir:

Q^1 = Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

Q^2 = De acordo com o texto, as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Q^3 = Volte ao último parágrafo e explique o trecho **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

Q^4 = Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

No enunciado de Q^1 espera-se que seja atribuído o sentido pressuposto por meio da expressão *"a tela é fria"* e em Q^3 a pressuposição tem por base um trecho do texto. O sentido subentendido de Q^2 começa pelo termo *"atraentes"* que não aparece no texto, esse deve ser compreendido pela leitura do texto e de outras enunciações, já em Q^4, mesmo com o uso de um trecho do texto, o que está posto na questão exige também uma leitura atenta e que o aluno tenha um pouco de conhecimento da história de Bill Gates e de Leonardo Da Vinci.

Na primeira aplicação da atividade, A^1 respondeu em Q^1 que *"significa que a tela tém um jeito mais dificio de mecher muitas letras diferente e que pode muda de cor a hora que quiser e que as letras tém um jeito ruim de entender prisipalmente quando a tela fica truva e o computador tém mais coisas para ler e podemos entender mais tém varias letras diferente a cor também pode troça por uma cor que deixa a letra mais bõa para entender."*, como a solicitação é que o pressuposto seja identificado por meio dos elementos linguísticos *"a tela é fria"*, estamos diante de uma construção não plausível para Q^1. No início da resposta há uma pressuposição no trecho *"significa que a tela tém um jeito mais dificio de mecher"*, mas segundo os elementos linguísticos*"[...] o livro é mais amistoso, mais fácil de manejar [...]"* e não dos postos em Q^1, o restante da resposta aparece como subentendidos (não solicitados em Q^1) trazidos por A^1 mediante leituras de outras enunciações sobre o computador, chegando a negar no final a ideia passada no início de que as letras na tela são ruins de entender ao relatar que as letras e suas cores podem ser trocadas no intuito de facilitar a leitura.

A^1 trouxe para o subentendido cobrado em Q^2 a mesma ideia apresentada em Q^1, veja: *"sim, por que e bem mais facio de entender e bem mais legão esta lendo algo atravez de coisa boas e com uma cor chamativa muitas letras que pode mudar toda a vez que Quiser é como saber várias línguas, conhecer vários países dominar vários instrumentos."*. Apesar de não ser possível usar dados linguísticos do texto para validar esse sentido, estamos tratando do subentendido e, como tal, mostra-se como uma construção válida com base na experiência de A^1 com as mídias atraentes, permitindo uma leitura além do que está posto no texto pela relação com outras enunciações, outros enunciados referentes a esse assunto. No final da resposta A^1 escreveu exatamente o trecho que finaliza o texto *"é como saber várias línguas, conhecer vários países dominar vários instrumentos"*, ocorrendo assim, uma fuga do sentido apresentado até então, dificultando o entendimento do motivo de A^1 ter concluído desse jeito, se foi apenas uma cópia ou se há uma ideia por traz dessa escolha.

Para Q^3 a resposta foi *"que o nosso mundo tém que dividir não só tém que ficar na mídia nova e deixa a mídia velha tém que usar as duas porque as duas ajuda em algumas coisa o avanço é dominar vários meios não usar um e deixa o outro. Usar todas elas e como saber fala varias línguas e saber que cada uma delas*

servem para alguma coisa", construída pela cópia de trechos do texto como em *"o avanço é dominar vários meios".*

Pela repetição de elementos linguísticos, estamos, dessa maneira, diante de uma elaboração que pode até ser considerada possível para o estabelecido em PRP¹, embora a escrita esteja repetitiva e com falta de clareza nas ideias, pois ao dizer *"que o nosso mundo tém que dividir não só tém que ficar na mídia nova e deixa a mídia velha"*, está colocando o mundo no lugar das pessoas, o pressuposto previsto seria mesmo a necessidade, imposta pela realidade do mundo, das pessoas saberem usar todas as mídias.

Ao escrever como conclusão do subentendido cobrado em Q⁴ que*"significa que a nova mídia esta gastando mais que a mídia velha, e que as coisa esta tornando cada vez mais caro porque varias coisa estão aumentando por causa das mídias que estão revoluindo cada vez mais, e a velha e mais pratica e ainda existem e que não pode deixa ela sumir por que ela ainda vai ajuda muitas pessoas"*, percebemos que a atribuição inicial do subentendido, feita por A¹, teve por embasamento os elementos linguísticos *"gastou uma fortuna"* que estão no trecho retirado do texto posto no enunciado de Q⁴.

Do mesmo modo, na construção *"e a velha e mais pratica e ainda existem e que não pode deixa ela sumir por que ela ainda vai ajuda muitas pessoas"*, ocorreu um distanciamento dos subentendidos previstos em PRS¹ e PRS², impossibilitando classificá-los como verdadeiros. Provavelmente, A¹ entendeu que se foi comprado um livro (uma mídia velha) de Leonardo Da Vinci por um preço alto é para preservar, para não sumir, no entanto, o conteúdo posto pelo texto não permite chegar a essas conclusões.

Seguimos para as interpretações de A¹ realizadas na segunda aplicação da atividade, para Q¹ foi escrito *"o livro é mais amistoso, mais fácil de manejar, a tela é fria pode muda as letras muda a cor"*, não passando de mera cópia do trecho em que aparecem os elementos linguísticos postos no enunciado de Q¹, ou seja, não houve a atribuição do sentido pressuposto conforme o solicitado.

Já em Q², a atribuição do sentido subentendido ocorreu como resultado da leitura feita por A¹ por meio do contato com outras enunciações, ultrapassando as possibilidades postas pelo texto. O sentido posto em *"sim, porque eles usa mais em dia os celulares computador etc"* é uma ideia que não aparece no conteúdo textual, nesse caso, classificado como não plausível, mas pode ser entendido como um

subentendido verdadeiro ao considerarmos que A^1 é um adolescente, vive em um ambiente de pouca valorização dos livros e de uso excessivo das mídias mais modernas.

O pressuposto de A^1 em Q^3 demonstra uma interpretação válida perante os elementos linguísticos postos no enunciado, pois o mundo atual exige que as pessoas tenham conhecimento das várias áreas para seu desenvolvimento pessoal e profissional, exatamente o que está posto no texto sobre a necessidade de dominarmos o livro e as mídias mais novas. A^1 expôs seu entendimento assim: *"eles exigem para que aprendemos mais coisas e desenvolver mais rápidos e que conhecemos coisas diferentes"*. Apesar de ser uma construção um pouco confusa, reforçada pelo uso do pronome "eles", não é difícil perceber o fio condutor da interpretação de A^1.

Em Q4, a elaboração interpretativa de A^1 consistiu nos dizeres: *"por que ele presisava desse livro para aprender e para desenvolver algo muito importante e esse livro era muito importante para ele"*, realizou, dessa forma, a percepção de um subentendido adequado para o enunciado posto, já que Bill Gates pagou caro pelo livro, certamente, é porque o livro era importante e lhe traria aprendizado e desenvolvimento. Entretanto, o trecho completo posto no enunciado de Q^4 leva a outros entendimentos voltados para o aspecto da importância da mídia velha, no caso o livro, em comparação com as novas mídias, por isso os sentidos previstos em PRS^1 e PRS^2 estão distantes do formulado por A^1.

Retornamos às interpretações feitas na primeira aplicação da atividade, agora por A^2 que atribuiu o seguinte sentido para Q^1 *"a expressão é que o livro seja mais fácil de ler, do que ler sua leitura pela tela do computador, é mais simples para você levar para onde quizer e poder possuir um"*, uma formulação que indica um resumo do que está posto linguisticamente em todo o parágrafo e não apenas na expressão *"a tela é fria"*, resposta não válida como o pressuposto pedido em Q^1 baseado nessa expressão e previsto em PRP^1. Houve, na verdade, uma reescrita sintética do parágrafo.

A resposta dada por A^2 para o subentendido de Q^2 foi *"sim. Porque com o avanço das tecnologias, as pessoas preferem a internet, que é uma mídia mais rápida de se comunicar, e por isso atrai muitas pessoas"*. Conclusão possível graças à capacidade de A^2 estruturar suas ideias com embasamento em outras enunciações e em seu conhecimento de mundo e não apenas pelas informações

dadas pelo texto. Cabe ressaltar que, por ser fruto da interpretação particular, tal sentido não foi posto como possibilidade, haja vista a previsão do processo de subentender se dá por meio do que está posto linguisticamente no texto, então consideramos essa resposta como não plausível para Q^2 baseado em PRS^1 e do que está posto no texto.

Ao trazer como pressuposto de Q^3 a elaboração *"que devemos dar valor a tudo que a gente ler procura saber, e comunicar com todos os meios, não importar se é mais avançado ou não"*, percebemos que A^2 realizou um entendimento de acordo com o posto em PRP^1, principalmente, ao escrever *"e comunicar com todos os meios, não importar se é mais avançado ou não"* até porque se configura como um sentido adequado para uma pressuposição do trecho posto no enunciado de Q^3. A elaboração inicial *"que devemos dar valor a tudo que a gente ler procura saber"* mostra-se confusa e sem relação com o posto e esperado a partir de Q^3.

Ao subentender o sentido de Q^4, A^2 formulou a resposta *"e por a pessoa gostar muito de ler e além de ser o maior defensor da nova mídia"*, a qual não foi pensada nas possibilidades de PRS^1 e PRS^2, de qualquer forma, tem relação com o posto no enunciado, partindo da interpretação possível que uma pessoa só compraria um livro caro porque gosta de ler, ainda mais sendo o maior defensor da nova mídia.

Sobre as considerações feitas por A^2 na reaplicação da atividade, passamos a descrever como ocorreram as atribuições de sentido. Dessa vez, em lugar de buscar compreensão do texto e do enunciado de Q^1, A^2 optou por copiar as partes do texto que estão antes e depois da expressão *"a tela é fria"*, veja: *"o livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir, e o computador pode mudar as letras, a cor e etc."*, assim, não houve nenhum tipo de atribuição de sentido.

No que tange a Q^2, a resposta dada não tem relação com o estabelecido em PRP^1, A^2 simplesmente escreveu *"sim. Porque elas devem entender mais direito e outras coisas."*, com a provável intenção de explicar que o motivo das pessoas optarem pelas mídias mais atraentes é porque entendem mais facilmente, no entanto, pelo conteúdo textual posto, não há elementos que levem a esse subentendido, de modo que supomos que surgiu de outras leituras e de outras enunciações.

Em Q^3 temos uma construção válida para o pressuposto dos marcadores linguísticos postos no enunciado e também dado como possibilidade em PRP^1, A^2

disse *“que devemos conhecer, aprender coisas diferentes, um pouco de cada coisa”* a ideia de sermos multímeios é a mesma de conhecermos e aprendermos um pouco sobre coisas diferentes. No texto, essas coisas diferentes, estão explicitadas como mídias velhas e mídias novas, dessa forma, estamos diante de uma pressuposição plausível para Q^3.

A^2 finaliza suas interpretações na segunda aplicação do texto “Uma aposta em todas as mídias”, respondendo em Q^4 *“fundador da maior empresa de programa de computador se interessou por um livro de um maior pintor Leonardo da Vinci”*, no caso, só fez explicar que Bill Gates se interessou por um livro de Da Vinci, não deixando evidente na resposta a interpretação feita com base nos elementos postos no enunciado. Poderia ter usado essas informações para significar o que está posto, pois, se Bill Gates tem uma empresa de computador e muito dinheiro, ainda assim optou por comprar um livro caro de Da Vinci, quer dizer que a mídia velha continua tendo importância apesar de todos os atrativos das mídias modernas.

Na primeira aplicação do texto, A^3 deu como sentido de Q^1 *“quer dizer que a tela do computador, é mais eficaz podemos variar as letras mudar as fontes e fazer diversas coisas e as pessoas acabam usando o computador mais do que os livros”*, apesar da falta de concordância no que tange ao pressuposto da expressão destacada em Q^1, é um entendimento que corrobora com as ideias postas pelo texto, ou seja, A^3 foi além dos dados do texto, chegando a atribuir um sentido subentendido conforme outras enunciações, das quais abstraiu a ideia da eficácia e da preferência das pessoas pelo computador.

A significação do texto feita por A^3 prosseguiu no processo de subentender o sentido por meio do enunciado de Q^2, para o qual foi dada como resposta *“as pessoas preferem usar as midias porque e mais rápido e melhor e tambem é um meio de comunicação muito importante em todo mundo e por isso as pessoas acabam deixando o livro de lado para usar esses objetos”*, percebemos aí a influência de enunciações externas ao texto em estudo, contribuindo para essa interpretação, porque o que está dado pelo texto leva-nos a subentendidos do tipo de PRS^1. O início da resposta no trecho *“as pessoas preferem usar as mídias”* deixa transparecer que falta algo para completar o que está dito, como se A^3 tivesse ocultado algum elemento linguístico, talvez por esquecimento.

Com base no enunciado de Q^3, a interpretação de A^3 foi *“que o nosso mundo quer ter charme quer ser um pais desenvolvido na tecnologia e com isso usam nuito*

os eletronitos como conputadores celurares etc. e isso faz com que segemos nultímeios e acabamos deixando os livros e outras coisas atigo de lado para usar esses aparelho", ao que parece, temos primeiro uma explicação da razão do mundo(do país) cobrar que sejamos multímeios, melhor dizendo, por causa do desenvolvimento tecnológico dos países pelo uso de computadores, celulares, entre outros, as pessoas são levadas a adotar esses aparelhos, abandonando os livros e outras coisas antigas, um entendimento não plausível para o pressuposto solicitado em Q^3, pois ocorreu um desvio do que está dito na resposta em relação ao trecho indicado para pressupor o sentido.

Para Q^4, faltou nos dizeres elaborados por A^3, a organização dos termos linguísticos usados de modo que levasse à compreensão do seu entendimento, porque ao dizer *"que ele comprou esse códice para melhorar mas não trocar isso por outras mais vehas e sim para ternos un pais melhor com mais charme e bastante tecnologico para que esse objeto faça de nos um novo pais com tecnogia e digital."*, fica extremamente difícil saber a linha de raciocínio e qual o sentido que A^3 conseguiu atribuir ao enunciado de Q^4. Não há nenhuma relação dessa resposta com as possibilidades de PRS^1 e PRS^2, nem tampouco, com o conteúdo textual, percebemos, nesse caso, uma construção aleatória, solta, sem nexo, completamente não plausível.

Seguimos nossas análises referentes à reaplicação da atividade para A^3. Notamos em Q^1 que o pressuposto *"por que ela é mais dificil de usar do que o livro"* refere-se ao trecho "*O livro é mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir"*, anterior ao trecho posto no enunciado de Q^1. Desse modo, como a pressuposição deveria ocorrer com base em *"a tela é fria"* essa elaboração aparece como não plausível.

Na solicitação do subentendido de Q^2, ao A^3 dizer que *"prefem sim por que tem nais coisa pra fazer nela"*, temos um sentido fruto da experiência do aluno com as mídias mais atraentes e de seu contato com outras enunciações que evidenciam essa significação da preferência dessas mídias. As considerações do texto são diversas desse sentido, sendo assim, é um subentendido válido em relação à influência externa no processo de significação do aluno, mas não plausível diante do que está posto linguisticamente no texto.

A resposta de A^3 para Q^3 traz o seguinte: *"pra sabemos outras coisas inportantes pra o nosso desenvolviment."*, elaborou, assim, uma pressuposição

válida para a estabelecida em PRP^1, ou seja, precisamos ser muitímeios para sabermos outras coisas que ajudam em nosso desenvolvimento. Uma construção simples e direta, mas que evidencia claramente o sentido possível de pressupor por intermédio do que foi dito e posto no enunciado de Q^3.

Por fim, chegamos à última questão. A interpretação de A^3 para o trecho que fala de Bill Gates ter comprado muito caro um livro de Leonardo Da Vinci foi *"que o livro era muito importante para ele"*, dito em outras palavras, se Bill Gates gastou muito dinheiro para comprar um livro, logo o livro tinha importância para ele. Esse subentendido surgiu da interpretação do aluno embasada no fato do livro ter sido caro, entretanto A^3 desconsiderou o sentido global do que está dito linguisticamente no trecho em Q^4, que levaria a entendimentos do tipo de PRS^1 e PRS^2.

4.2 A INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS NOS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA

Prosseguimos com o estudo das respostas dos alunos, analisando a atribuição dos sentidos pressupostos e subentendidos nos textos de linguagem mista, baseados na teoria da Semântica da Enunciação. Aqui, usaremos os códigos T^1 para o primeiro texto, T^2 para o segundo, T^3 para o terceiro e T^4 para o quarto, e, como serão estudadas também 3 (três) atividades, continuaremos com os códigos A^1 para a atividade do primeiro aluno, A^2 para o segundo e A^3 para o terceiro.

Assim, temos como T^1:

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Para esse texto, A^1 deu como sentido pressuposto *"foram avisar na casa da dona clotiude que o marido dela morreu"*, consideramos como uma resposta não

plausível conforme o previsto em PRP¹ e PRP², mas, ao mesmo tempo, mostra-se como plausível para PRS¹, ou seja, A¹ estabeleceu como pressuposto o sentido que deveria ser dado como subentendido para os enunciados e a enunciação do texto.

Já para o subentendido, A¹ escreveu *"ela achou que era coisa normal mais o oficial disse que o marido dela faleceu"*, nesse caso, é difícil estabelecer relação entre o sentido atribuído e as possibilidades de interpretação, inclusive na dada em PRS¹, no que se refere ao trecho *"ela achou que era coisa normal"*, pois não existem elementos linguísticos ou visuais que levem a esse entendimento, sendo uma colocação particular do aluno. Entretanto, ao dizer *"o oficial disse que o marido dela faleceu"* o aluno, provavelmente, por causa do fardamento do galo, fez uma leitura que se trata de um oficial, e completa com o entendimento posto em PRS¹, atribuindo com louvor um sentido subentendido para T¹.

Para o segundo texto ou T² apresentamos o seguinte:

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

A pressuposição de A¹ para esses enunciados foi *"o menino falou para o seus amigos que tinha ganhado uma medalha, e eles ficar discutindo. o que eles tinha ganhado"*, uma colocação que não demonstra o sentido atribuído pelo aluno, apenas expõe uma descrição do que estaria acontecendo na cena retratada, logo não é plausível pelos enunciados postos e pelas situações das enunciações.

Na construção dada como subentendido de T², *"uns acharan que ele estava se achando por que tinha ganhado uma medalha aí ele falou que tinha o zero absoluto"*, notamos que no trecho *"uns acharan que ele estava se achando por que tinha ganhado uma medalha"* A¹ percebeu o ar de superioridade exposto na situação

enunciativa de T^2. De acordo com esse entendimento, os garotos de camisa laranja e verde (provavelmente, *"uns acharam"* está se referindo a eles) consideraram que, ao mostrar a medalha, quem estava se sentindo superior foi o garoto de camisa vermelha (subentendido em *"tinha ganhado uma medalha"*) e não o de verde conforme consta em PRS^1 e PRS^2. A^1 finaliza com uma construção solta, dificultando a compreensão do sentido do que está posto na resposta, simplesmente escreve *"aí ele falou que tinha o zero absoluto"*, o enunciado sobre o zero absoluto foi do garoto de camisa verde em uma enunciação referente ao frio e não à medalha. Talvez A^1 tenha compreendido que o garoto de camisa verde quis demonstrar que possuía coisa melhor do que uma medalha, no caso o zero absoluto (mas o que é esse zero absoluto? Apenas uma referência à temperatura), no entanto, essa interpretação pode ser negada por A^1, porque é fruto da leitura alheia.

O terceiro texto (T^3) foi:

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Aqui, A^1 estabeleceu o pressuposto *"o Rapaz pergunta se o menino queria Ser prefeito novamente"*, mais uma vez, houve a tentativa de descrever o que está posto pelos elementos linguísticos e imagéticos, porém, ocorreu uma distorção no entendimento do enunciado e da enunciação, pois A^1 entendeu que o nome Fogaça é do menino, o qual não está incluso no enunciado e sua presença não altera a compreensão de T^3, e, ainda, confundiu o ponto de exclamação como uma interrogação, fatos que levaram a um sentido distorcido diante dos elementos postos, sendo classificado, dessa forma, como não plausível.

Ocorreu o mesmo ao explicitar o subentendido de T^3 como *"a mãe do garoto disse que ele ja foi prefeito, e mão queria que ele fosse dinovo"*, ou seja, o ponto de interrogação não foi considerado por A^1 que compreendeu o enunciado da mulher

como uma afirmação, entretanto, ocorreu uma intervenção particular na leitura, já que não está posto que a mulher seja mãe do garoto e nem que ela não queria que ele fosse prefeito de novo. A^1 subentendeu ser mãe e filho, provavelmente, pela leitura da imagem da mulher de mãos dadas com a criança e, a reprovação de outra candidatura do garoto ao cargo de prefeito, talvez tenha sido lida na conjunção "*mas"* enunciada pela mulher.

A seguir, está o último texto de linguagem mista usado na atividade (T^4):

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

A^1 respondeu que o pressuposto para esse texto seria *"o pai perguntou pra filho que aniversario ele ia comenorar no nata. (de alguma pessoa)"*. Isso nos mostra que, mais uma vez, estamos diante da simples descrição da cena, não havendo indícios de nenhum processo de atribuição de sentido.

O subentendido mostra-se como uma explicação do que foi posto como pressuposto, veja: *"o filho pencou que era dos presentes que ele tinha ganhado do natal pasado"*. Assim, A^1 fez uma leitura do que não foi dito, porque em T^4 o menino respondeu *"da minha bike e do meu videogame!"*, sem mencionar que foram presentes ganhados no dia de Natal, muito menos que foi no Natal do ano anterior. Dessa forma, A^1 subentendeu esse sentido com base nos elementos linguísticos postos em T^4, sendo classificado como plausível em conformidade com a possibilidade elencada em PRS^1.

Continuando com as análises, trataremos de agora em diante sobre as respostas de A^2, que para T^1 deu como pressuposto *"eu entendi que o narido do Clotilde? norreu e ela ficou supreendida"* quando, na verdade, esse sentido está subentendido na situação de enunciação, não existe uma relação direta entre os elementos postos e a leitura da morte do marido de Clotilde, então é um entendimento possível e previsto em PRS^1, graças aos dizeres *"lamento informar*

mas..." e *"seu marido virou nugets!"*. Melhor dizendo, a primeira expressão indica que sente em informar, a expressão "*virou nugets"* quer dizer que, no caso, o marido de Clotilde foi transformado em bolinho de frango, logo precisou morrer para isso. Sendo assim, A^2 estabeleceu como pressuposto um sentido que está subentendido nos enunciados e nas enunciações. Quando A^2 diz que *"ela ficou supreendida"*, está acrescentando um entendimento fundamentado em de suas conclusões, pois não há elementos postos, nem visuais e nem verbais, capazes de favorecer tal leitura.

No espaço reservado para o subentendido de T^1 está escrito *"eu entendir Que o narido do clautilde Se foi e ela ficou triste e conesou o chorar nuito"*, demonstrando no trecho *"o narido do clautilde Se foi"* que A^2 não conseguiu diferenciar os sentidos, tendo em conta que atribuiu o mesmo tanto para o pressuposto como para o subentendido. Entendemos na expressão *"se foi"* a indicação de que "*partiu para outro plano"*, então, nesse trecho em questão, aparece um subentendido condizente com T^1 e estabelecido também como possibilidade em PRS^1. As afirmações de que a senhora Clotilde ficou triste e chorou muito são apenas colocações de A^2 baseadas em outras enunciações e em discursos pré-construídos na memória discursiva, segundo os quais, ao morrer alguém, as pessoas ficam tristes e choram. Assim sendo, apoiado em outras enunciações e discursos, A^2 pode compreender o subentendido em T^1, apresentando um processo diferenciado de interpretação.

Ao considerar o pressuposto de T^2 como *"os neninos estavan conentando de que ganhou nos nedalhos"*, A^2 apenas descreveu o que estava acontecendo no primeiro quadrinho de T^2, não realizando uma leitura além do que está posto, sendo essa necessária para chegar aos sentidos implícitos. Dessa forma, diante do que está presente no texto, a resposta é não plausível.

A^2 permaneceu descrevendo o primeiro quadrinho ao explicitar sobre o sentido subentendido. Na resposta *"e un falhou que ele tinho nais nedalho que os outros e os outros falou você não tem não?"*, houve a continuação do entendimento sobre o pressuposto de T^2 perceptível em *"e un falhou que ele tinho nais nedalho que os outros"* que, da mesma maneira, não passou por uma leitura que levasse aos sentidos implícitos e, ainda, A^2 finalizou com uma pergunta solta *"e os outros falou você não tem não?"*, sem relação com os elementos verbais e imagéticos postos em T^2.

Para T^3 a resposta de A^2 não foi diferente, simplesmente indicou como o pressuposto o seguinte: *"o honen tavo fanando com o mulher se fogaça não ia ser*

prefeito?". Desse modo, escreveu o que observou na cena e reescreveu a frase dita pelo homem, com um detalhe de ter colocado uma interrogação em lugar da exclamação, levando a dúvida se A^2 teve a intenção de fazer uma pergunta ou se não diferencia os sinais de pontuação e nem sabe a função de cada um.

A^2 fez o mesmo ao escrever para o subentendido *"nulher respondes nos ele já foi prefeito una vez e o honen ficou nuito suprendido"*, apenas disse o que a mulher respondeu e acrescentou que o homem foi pego de surpresa, mas sem melhores explicações, impossibilitando compreender como chegou a esse entendimento, pois nem os enunciados e nem os elementos visuais postos em T^3 favorecem essa leitura.

A dificuldade de A^2 para a realização da interpretação apareceu em todos os textos, inclusive em T^4, para o qual escreveu como pressuposto *"o pai perguntou o filho no natal que anivesario conenorava?"* e como subentendido *"o filho respondes por eu sei que no natal conenora o aniversario do neu vidiogene?"*. E, novamente, estamos diante da descrição da cena com um detalhe de não ter mencionado que o aniversário era também da bike. No que tange ao uso do ponto de interrogação em lugar do de exclamação, pela forma como aparece nas respostas sobre T^4, podemos afirmar que A^2 não diferencia a forma como os sinais são grafados e nem reconhece as funções distintas desempenhadas por eles, porque ele quis copiar o ponto da forma que está no texto, mas no texto da fala do menino tem um ponto de exclamação e o aluno colocou uma interrogação no lugar, mesmo tendo mencionado que aquela era a resposta do filho.

Para finalizar o estudo das respostas referentes aos textos de linguagem mista, analisaremos as interpretações de A^3. O pressuposto estabelecido por A^3 para T^1 foi *"Por que o narido não era nugets e e passou a ser"* temos aqui uma atribuição de sentido que vai de encontro à possibilidade destacada em PRP^2, embora A^3 não tenha explicitado o significado da palavra inglesa *"nugets"* que, no caso, levaria ao esclarecimento de terem feito bolinho de frango com o marido, o elemento linguístico*"virou"*, adotado por A^3 como base para estabelecer o pressuposto de T^1,permite considerar como verdadeiro o sentido atribuído de que o marido passou a ser nugets.

Já em relação ao sentido subentendido dado em *"Por que o clotide não sabia que o seu marido tinho virado nugts"*, apesar de não aparecer nas possibilidades de resposta, podemos considerá-lo como plausível, porque, a partir da situação

enunciativa mostrada em T^1, é verdadeiro dizer que a senhora Clotilde não sabia do fato que o galo policial notificou. Assim, A^3 subentendeu que se foram avisá-la, logo ela não sabia, entretanto essa interpretação pode ser negada pelo fato de nenhum elemento linguístico ou visual poder ser usado para sustentar esse entendimento.

A^3 realizou em T^2 uma leitura além do que está dito nos elementos linguísticos, provavelmente, teve como parâmetro os elementos visuais. Analisando as imagens, percebemos que no primeiro quadrinho o garoto de camisa vermelha expõe sua medalha (inclusive falando *"olha a medalha que eu ganhei na competição regional"*). No segundo quadrinho, o garoto de camisa laranja aparece com a camiseta dos strones; no terceiro quadrinho esse mesmo garoto aparece com duas blusas e em todos os quatro quadrinhos o garoto de camisa verde diz possuir ou ter vivenciado algo superior aos outros garotos. Supomos que a partir daí, A^3 concluiu que um pressuposto de T^2 seria *"Por que cada um esta mostrano o que já tem para os outros"*, porém, foi um sentido obtido por meio dos dados postos no ambiente enunciativo e não pelos enunciados, então deveria ter sido classificado como subentendido e não como pressuposto.

Com base nessas elucubrações, A^3 estabeleceu como subentendido de T^2 *"Por que cada um tenta ser melho que o outro"*, um sentido válido pelo processo interpretativo relatado no parágrafo anterior, pois, da mesma forma, para dizer que todos estão querendo se destacar em relação aos outros, há necessidade de levar em consideração o que está posto visualmente e não apenas verbalmente, já que os elementos linguísticos direcionam a interpretação para o ar de superioridade apenas do garoto de camisa verde.

O pressuposto considerado para T^3 foi *"Por que o home já era Prefeito"* obtido, certamente, pelos elementos linguísticos *"de novo"* que permitem deduzir que ou Fogaça tinha sido prefeito ou ainda ocupava o cargo para querer ser de novo, entendimento esse previsto em PRP^1. Todavia, ao dizer que o homem já era prefeito, A^3 não deixa claro se esse homem é Fogaça ou o homem que proferiu o enunciado, dificultando, assim, concluirmos se sua pressuposição é plausível ou não para T^3.

Ao atribuir como subentendido a construção *"Por que o home não quer que o outro virem prefeito de novo"*, A^3 leva-nos a concluir que o homem que enunciou a intenção de Fogaça querer ser prefeito novamente não está satisfeito com essa

ideia, contudo faltam, em T^3, elementos visuais, linguísticos ou enunciativos capazes de sustentar essa interpretação.

No último texto da atividade, A^3 demonstrou pleno entendimento deste, em comparação com as possibilidades de respostas previstas. Para o pressuposto escreveu que *"tem aguem que faz aniversario no natal"*, sentido dado em PRP^1, e facilmente compreendido pelo que está posto na pergunta que o pai faz ao filho em T^4, ou seja, nos elementos postos para perguntar de quem é o aniversário no Natal, chega-se à pressuposição de que alguém faz aniversário nesse dia.

A resposta foi plausível também para o subentendido, pois quando A^3 diz *"Por que o menino ganou o Bike e o videogame no natal"*, demonstra uma leitura além do que foi posto verbalmente, haja vista que o menino disse apenas *"da minha bike e do meu videogame"*, sendo da responsabilidade de A^3 a afirmação de que foram presentes ofertados no dia de Natal. De qualquer modo, é uma interpretação válida e em conformidade com PRS^1, porque leva em consideração o discurso socialmente difundido do Natal como uma data de troca de presentes, logo, se os presentes foram do dia de Natal, essa fica sendo a data de seus aniversários.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS

Nesta subseção, temos por objetivo apresentar uma pequena análise dos resultados, colocando-nos na posição teórica da Análise de Discurso. O nosso intuito é entender melhor como a circulação de certos discursos na escola, e às vezes fora dela, afeta diretamente o modo como o aluno interpreta seus textos.

4.3.1 PRIMEIRAS ANÁLISES

Apresentamos os dados gerais que mostram uma maior facilidade dos alunos em responder sobre pressupostos e subentendidos quando o assunto tratado é do conhecimento geral deles. Porém, o que nos chama a atenção nesses dados é que, no caso do primeiro texto, os alunos comentaram ser de fácil interpretação, por conta de ser um assunto tratado em uma novela da Rede Globo, ou seja, podemos dizer que, por serem discursos de grande circulação, estão presentes na memória discursiva dos alunos, o que podemos conferir nas tabelas 1 e 3.

Como contraparte, no outro texto trabalhado em sala de aula, houve uma diferença importante nos resultados. Por não ser um assunto de conhecimento geral, que não está presente em discursos que circulam facilmente entre os alunos, ocorreu, em um primeiro momento, uma grande dificuldade em apresentar respostas plausíveis, o que verificamos na tabela 2. Após uma explicação da professora, ou seja, após os alunos entrarem em contato com discursos referentes ao assunto, há uma mudança nas respostas deles, o que pode ser visto na tabela 4.

Apesar de a melhora não ser considerada satisfatória, percebemos algo importante na questão da interpretação, pois ao entrarem em contato com discursos específicos, os alunos demonstraram uma melhor capacidade de interpretação, o que, por sua vez, não é nenhuma novidade, por ser um discurso presente na educação, o fato da atribuição de sentido ocorrer facilmente quando os textos remetem a discursos que possuem relação com o ambiente de convívio dos alunos ou quando circulam na mídia. Isso nos mostra outros efeitos de sentido para pensarmos a educação, na medida em que a memória discursiva que é estabelecida para os alunos são discursos que circulam na mídia, haja vista as respostas e comentários relativos ao primeiro texto.

Outro ponto interessante para se notar é sobre uma maior dificuldade em se entender o subentendido nos textos. Por serem formados na enunciação, os subentendidos necessitam mais do que os pressupostos para serem entendidos, na medida em que somente com o contato com determinados conteúdos é que podem produzir certas interpretações. Por outro lado, os pressupostos, por estarem marcados na própria língua, levam os alunos a depreenderem os sentidos com base no próprio sentido da palavra.

4.3.2 RESPOSTA DOS ALUNOS

No tocante às respostas dos alunos, apesar de termos muitas questões interessantes para analisarmos, vamos nos ater a uma específica. Em muitos casos, as respostas dos alunos são apenas cópias do texto original. Como exemplo, temos a resposta de A^1 para a questão Q^2, na qual o que há é um parágrafo copiado do texto, o trecho: *“a televisão não mostra um o lado bom do morro as brincadeiras das crianças a anizade da comunidade as pessas que são bãos e querem fazer a favela bonita e um lugar bom de viver.”*. Essa questão da cópia, para uma questão aberta,

na qual o aluno deve trazer seus conhecimentos e não se ater somente ao texto, nos indica algumas possibilidades importantes, no que tange a certos discursos que constroem o que se entende por interpretação.

O primeiro é relacionado a um discurso de que existe somente uma resposta correta para as questões, mesmo sendo de interpretação, fazendo com que o aluno busque identificar essa resposta certa. Com isso, cria-se um efeito de sentido de que copiar o que já está no texto é, provavelmente, o correto. Isso se dá com discursos que compõem o discurso escolar, tal qual o que encontramos em livros didáticos, em que

> Estabelece-se um sentido para interpretação de texto no qual todos podem interpretar, mas que somente o livro didático possui a resposta correta. Isto traz um memorável no acontecimento de que, na escola, sempre tem que se buscar a resposta correta, o que, em certa medida, faz com que não exista a interpretação. (VENTURA, 2018, p.26)

O que apresentamos no parágrafo anterior a respeito da cópia de trechos do texto, nos leva a refletir sobre o modo como ideologicamente se estabelece, na escola, o que é interpretação. Ao fixar sentidos, considerar a língua como transparente, não há construção de sentidos pelo aluno, não se analisa a relação de discursos com outros discursos. Em certa medida, não há trabalho com a língua e com os sentidos por ela construídos, pois atem-se, literalmente aos sentidos “denotativos”, que estejam em conformidade com sentidos já estabelecidos, excluindo a possibilidade de sentidos outros.

Assim, juntamente com um trabalho constante para interpretação, é necessário observar quais os discursos que circulam no espaço escolar, para que haja possíveis deslocamentos de sentidos, abrindo possibilidades para outros discursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta dissertação teve como objetivo a observação da capacidade de interpretação dos alunos em relação aos implícitos, pressupostos e subentendidos, para, a partir das constatações, pensarmos em estratégias a serem adotadas no fazer pedagógico em torno da ideia das diversas possibilidades de atribuição de sentido para um texto.

Consideramos que o objetivo foi atingido, e destacamos que as dificuldades maiores apresentadas pelos alunos na atribuição dos sentidos pressupostos e subentendidos, nos textos de linguagem verbal, foram relacionadas à circulação dos discursos e dos enunciados em suas vivências, pois isso dificulta a significação. No texto que apresentou linguagem mais acessível ao repertório linguístico dos alunos, somado a isso o conteúdo que coincidiu com um discurso tratado em uma telenovela de um canal de grande repercussão, tanto os pressupostos quanto os subentendidos foram facilmente compreendidos pela maioria dos alunos, na primeira e na segunda aplicação do texto. Porém, no texto estruturado com uma quantidade considerável de elementos linguísticos estranhos ao vocabulário dos alunos, embora com um assunto atual e familiar, o modo como foi escrito e a referência a personalidades desconhecidas para eles dificultaram a atribuição de sentido, sendo que não houve alteração relevante na interpretação dos pressupostos e dos subentendidos em relação às duas aplicações do texto.

Nos textos de linguagem mista, notamos que pelo fato de serem construídos com elementos verbais e visuais, não interferiu na capacidade de os alunos pressuporem e subentenderem os sentidos, porque os resultados indicaram também dificuldades, independentemente do assunto e dos elementos linguísticos e visuais postos nesses textos.

Ressaltamos a facilidade demonstrada pelos alunos na atribuição dos sentidos ao realizarem a leitura de sentenças curtas e diretas de modo compartilhado, e imediatamente após as explicações.

No decorrer da aplicação das atividades, facilmente pudemos perceber a indisposição dos alunos para realizarem leituras cuidadosas antes de estabelecerem os sentidos, isso em relação aos textos e aos enunciados das questões também. Uma conduta que pode ter interferido na interpretação, porque, uma boa parte deles lia e logo em seguida começava a escrever sem refletir sobre o que estava lendo,

sobre o enunciado das questões e sobre o que escreviam, por não ter sido um comportamento comum só entre a minoria ou para alguns textos, supomos ser um hábito a realização das leituras e das atividades dessa forma. Isso indica que existe uma prática pedagógica corriqueira em torno da leitura que leva os alunos a não ultrapassarem a superficialidade dos textos, prática que precisa de mudança para desenvolver o olhar, a percepção e a reflexão dos alunos em relação aos sentidos implicados pelo que está posto na superfície textual.

Constatamos, dessa maneira, que o motivo dos alunos apresentarem dificuldades na atribuição dos sentidos implícitos, pressupostos e subentendidos, e principalmente dos subentendidos, tem a ver com a forma costumeira em que são dadas as atividades de interpretação, nas quais, quase sempre, não é permitido ao aluno que se coloque abertamente diante do texto para atribuir sentidos. Isso cria o hábito de buscar em todas as atividades de interpretação um sentido preso aos elementos linguísticos fornecidos pelo texto. Outro fator relevante em relação à dificuldade demonstrada pelos alunos refere-se ao fato de que textos com discursos atuais de grande circulação nos ambientes sociais e midiáticos de convívio dos alunos facilitam a interpretação dos pressupostos e subentendidos.

Diante das considerações supracitadas, destacamos alguns pontos a serem considerados para a obtenção de melhores resultados em pesquisas futuras:

- Dispor de mais tempo para aplicação das atividades, de modo que as atividades possam ser reestruturadas e repensadas durante o processo;

- Trabalhar com as classes gramaticais que favorecem a ocorrência de pressupostos;

- Fornecer atividades também com questões objetivas nas quais o direcionamento dos sentidos são preestabelecidos, assim visualizar se os alunos conseguirão indicar o mesmo sentido previsto pelo professor e comparar com as respostas dadas nas questões subjetivas;

- Diversificar, ainda mais, os gêneros e os tipos textuais na aplicação das atividades;

- Utilizar questões das avaliações externas, mas sem a opção de múltipla escolha nas respostas, deixar abertas para que os alunos construam suas respostas;

- Selecionar textos que tratam de assuntos polêmicos de outro momento histórico e social para que os alunos os signifiquem com base na sua localização no tempo, na história e na sociedade;

- Permitir que os alunos exponham oralmente o entendimento dos textos, explicando o sentido do que escreveram como resposta nas atividades.

E, para o trabalho do professor, sugerimos como estratégias, não necessariamente modificar toda a prática feita até então ou todos os textos usados para a atribuição de sentido, mas redimensionar o olhar para as respostas dadas pelos alunos, reconhecer que uma série de fatores contribuem para o significar, por isso os efeitos de sentido variam de uma para outra pessoa. Sendo assim, trabalhar a leitura sem premeditar o entendimento, deixar a leitura fluir, permitindo a atuação livre da memória discursiva e considerar também as condições de produção e a enunciação dos discursos. Dessa forma, construiremos a capacidade de ler de modo particular o que não está dito, e sem a cobrança de atingir um sentido considerado como único. Assim, a superfície do texto, possivelmente, será apenas um direcionamento para várias possibilidades de interpretação, levando a sentidos plausíveis pelo efeito do texto diante de cada situação em que ocorrer a leitura.

Nesse ponto, refletimos sobre as avaliações externas que os alunos são submetidos e, quase sempre, com baixo rendimento. Nelas. o sentido já vem atribuído antes mesmo do aluno ter acesso aos textos, então, existe uma prática em torno da interpretação que não é isolada, ela está difundida em vários espaços.

As considerações feitas neste trabalho, apesar de importantes, são apenas uma pequena amostra de toda uma problemática mais abrangente que envolve os direcionamentos pedagógicos em torno da concepção da atribuição dos sentidos pressupostos e subentendidos, de modo que carecemos de outras pesquisas para

poder visualizar melhores condutas que levem a resultados mais propícios ao desenvolvimento pleno da leitura.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil:** ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____ . **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____ . **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAULA, Giselle Santos de. No morro não tem só bandido. **Revista na ponta do lápis** - Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro. Ano V – número 11, p. 20. Agosto de 2009.

SILVA, Adilson Ventura da. **A poesia em Ducrot**. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **Poder – saber – ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade.** Vitória da Conquista, Bahia: Edições UESB, 2007.

VENTURA, Adilson. **Uma análise enunciativa da palavra "poesia" em um livro didático.** In ENELIN 2017 textos completos/ VII Encontro de Estudos da Linguagem/ VI Encontro Internacional de Estudos da Linguagem: linguagem, instituições e práticas sociais. Pouso Alegre, 4 a 6 de outubro de 2017 / organização de Eni Puccinelli Orlandi ... [et al.]. – Pouso Alegre: Univás, 2018.

WEBGRAFIA

Cenário Educacional. Disponível em: http://inep.gov.br/web/guest/cenario-educacional. Acesso em: 07/09/2017**.**

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013. [sem título]

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013. [sem título]

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013. [sem título]

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013. [sem título]

Escala de proficiência de Língua Portuguesa – 9º ano. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/escala/escala_proficiencia/2013/escalas_ensino_fundamental_2013.pdf. Acesso em: 08/09/2017.

Escala de Proficiência de Língua Portuguesa - 9º Ano do Ensino Fundamental. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/escala/escala_proficiencia/2018/LP_9EF.pdf. Acesso em: 10/01/2019**.**

Inep apresenta resultados do Saeb/Prova Brasil 2015. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-apresenta-resultados-do-saeb-prova-brasil 2015/21206. Acesso em: 07/09/2017.

Infopédia – dicionários Porto editora. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rurbano. Acesso em: 13/01/2019.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p.T2. Disponível em: http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noit.pdf. Acesso em: 09/11/2017

APÊNDICE A – ATIVIDADE DO PRIMEIRO TEXTO

No morro não tem só bandido

Subindo a ladeira, ouvi uma frase de um grupo de jovens que desconhece o meu lugar, dizendo que “no morro só mora bandido”. Isso não é verdade. Acredito. Isso é preconceito.

No lugar onde vivo, quase todo dia tem tiros que podem ser confundidos com barulho de fogos. O céu, à noite, fica iluminado pelas balas e traçantes que cruzam o morro. Parece uma festa junina, mas não é. Se fosse festa se chamaria “Festa da Desesperança”; são bandidos e policiais trocando tiros, esquecendo-se da comunidade assustada, que não tem nada a ver com essa guerra que tira vidas de pessoas inocentes.

Moro na Messina, no Jardim Carioca. Na verdade não parece um jardim. O lugar é triste, doloroso e medonho; é como um beco sem saída e sem esperança. A comunidade só mora aqui porque não tem dinheiro para morar num lugar melhor.

Ser pobre não significa ser bandido não. As pessoas não têm culpa de serem pobres. A maioria tem bom caráter, sensibilidade; elas só querem ser alguém na vida e ter paz.

Sinto que todas as pessoas vivem tristes por causa da violência que mata e destrói famílias, que não têm nada a ver com o tráfico de drogas. Eu percebo o medo no rosto das pessoas quando há tiros, quando acordam ou vão dormir, e torço para que só escutem o barulho de pássaros cantando, pois quero ver a felicidade, a harmonia e o amor no meu lugar.

Favela não tem só bandido, não. Nem todo mundo conhece o lugar onde vivo. No morro tem pessoas saindo de casa para trabalhar; para buscar o pão de cada dia e dar o que comer aos filhos, que ficam com a esperança no coração, aguardando o pai voltar com vida e alimentos. Tem crianças que querem brincar, estudar, querem um futuro melhor, pois algumas trabalham cedo demais porque têm pais desempregados. Elas trabalham catando papelão, varrendo ruas, vendendo rosas nos bares, nos restaurantes e nos sinais, pois não querem ser marginais.

Na minha opinião, tem gente passando muita necessidade e a fome é tanta, que elas vão roubar e, sem pensar no que estão fazendo, se envolvem na

bandidagem e no tráfico de drogas. Com isso, o lugar onde moro vai aparecendo na televisão e nos jornais.

A televisão não mostra o lado bom do morro: as brincadeiras das crianças, a amizade da comunidade, as pessoas que são boas e querem fazer a favela ficar bonita e um lugar bom de se viver.

Entendo que o aumento da violência acontece por causa do desemprego e da fome. Portanto, os governos e as prefeituras devem se preocupar mais com os pobres. Nós não somos bichos nem bandidos. Somos trabalhadores e cidadãos que precisam de emprego, um bom lugar para se viver com dignidade, mais escolas, hospitais.

Quando isso acontecer, aí, sim, eu vou morar num verdadeiro Jardim Carioca e vou deixar de ouvir a frase que tanto me deixa chateada...

Giselle Santos de Paula. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 4ª série da Escola Alice Tibiriçá, Rio de Janeiro - RJ.

Revista na Ponta do Lápis (Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro). Ano V – número 11. Agosto de 2009. Página 20.

1. Explique o significado da palavra “acredito” no primeiro parágrafo. (pressuposto)

2. Após a leitura do texto, é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

APÊNDICE B – ATIVIDADE DO SEGUNDO TEXTO

Uma aposta em todas as mídias

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multimeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p.T2. Disponível em: http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noit.pdf. Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **“a tela é fria”**? (pressuposto)

2. De acordo com o texto, as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

3. Volte ao último parágrafo e explique o trecho**“nosso mundo exige que sejamos multimeios”**. (pressuposto)

4. Qual o significado do trecho do texto **“não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci”**. (subentendido)

APÊNDICE C - EXEMPLOS USADOS NA EXPLICAÇÃO DOS SENTIDOS IMPLÍCITOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

a) Ela está cansada de ser professora.

Pressuposto:

Subentendido:

b) Infelizmente, minhas notas continuam baixas.

Pressuposto:

Subentendido:

c) Decidi deixar de comer carne.

Pressuposto:

Subentendido:

d) Finalmente acabei meu trabalho.

Pressuposto:

Subentendido:

e) Alunos que estudam pela manhã costumam ter melhor rendimento.

Pressuposto:

Subentendido:

f) Quando sair de casa, não se esqueça de levar um casaco.

Pressuposto:

Subentendido:

g) Já tenho a garganta seca de tanto falar.

Pressuposto:

Subentendido:

APÊNDICE D – ATIVIDADE COM OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA

1. Identifique pressupostos e subentendidos nas situações abaixo.

1º texto:

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

Subentendidos:

2º texto:

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

Subentendidos:

3º texto:

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

Subentendidos:

4º texto:

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

Subentendidos:

2. Escreva como o conhecimento de pressupostos e subentendidos ajuda na interpretação de texto.

APÊNDICE E – RESPOSTAS DE A[1] NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO “NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO”

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

Quando a [illegible] [illegible] um [illegible] de um grupo de [illegible] que [illegible] o meu lugar [illegible] que no morro só morro bandido [illegible] não é verdade. Acredito isso é preconceito.

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

a ilusão não mostra um o lado bom do morro as brincadeiras das crianças a amizade da comunidade as pessoas que são boas e querem fazer o bem [illegible] bom [illegible]

APÊNDICE F – RESPOSTAS DE A[1] NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO “NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO”

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

Eu no morro não mais só bandido

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

não porque no morro tem muito bandido perigoso

APÊNDICE G – RESPOSTAS DE A² NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO “NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO”

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

Acredito que por todos que moram no morro são bandidos. Muitos são trabalhadores honestos que sua luta maior para trabalhar para sustentar o seu de cada dia.

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

muitas pessoas que só por que você mora em favela ou bairro pobre você é julgado ou taxificado. Alguns podem ser sim mas não toda a favela que dizem muitos que trabalha ou passando fome isso causa muita revolta entre essas pessoas deixando os agressivos.

APÊNDICE H – RESPOSTAS DE A² NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO “NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO”

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

Acredito que no morro não tem só bandido

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

Sim li também existem pessoas com coisas boa

APÊNDICE I – RESPOSTAS DE A³ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO"

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

que eu acredito que aquele lugar não
é, igual as pessoas falam pelo
que ele também tem pessoas calmas e
com vontade de trabalhar, tem crianças
que queriam estudar pois querendo trabalhar
e acredito que isso um dia vai mudar
e vai tornar uma favela feliz com outro futuro.

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

não o morro não é um lugar de paz
pois que os bandidos de lá trocam tiros sempre
com a polícia e os moradores do lugar
ficam assustados e alguns deles ficam
com medo de ir trabalhar para fazer
o pão de todo dia para os filhos.
e as crianças que queriam ter um futuro
melhor não podem por causa dos bandidos
morros...

APÊNDICE J – RESPOSTAS DE A³ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO “NO MORRO NÃO TEM SÓ BANDIDO”

1. Explique o significado da palavra **acredito** no primeiro parágrafo. (pressuposto)

eu li escrito que no morro não só tem bandido

2. Após a leitura do texto é possível afirmar que o morro é um lugar de paz? Explique sua resposta. (subentendido)

não, por que os bandidos de lá ficam trabalhando tem bem a polícia e bem isso o povo não é um lugar de paz.

APÊNDICE K – RESPOSTAS DE A[1] NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

Significa que a tela tem um tipo meio difícil de mexer muitas letras diferente e que pode mudar de cor o texto que quiser e que as letras tem um tipo ruim de entender facilmente quando a tela fica triste e o computador tem mais cor o texto fica e pode mos entender mais tem varias letras diferente e cor também pode trocar por uma cor que deixa a letra mais bão para entender

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Sim. Por que é bem mais fácil de entender e bem mais legão esta tendo algo atraente de coisa bem e com uma cor chamativa muitas letras que pode mudar tudo o tex que quiser e como saber várias linguas conhecer varios paises dominar varios instrumentos.

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

que o nosso mundo tem que dividir não só tem que ficar na mídia nova e deixa a mídia velha tem que usar as duas porque as duas ajuda em algumas coisa o avanço é dominar varias meios não usar um e deixa o outro, usar todas elas e como saber pela varias linguas e saber que cada uma delas serviem para alguma coisa

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

significa que a nova mídia esta gastando mais que a mídia velha, e que as coisa esta tornando cada vez mais cara porque varias coisa estão aumentando por causa das mídias que estão revolucionando cada vez mais, a velha e mais pratica e ainda existem e que não pode deixa ela sumir por que ela ainda tem ajuda muitas pessoas.

APÊNDICE L – RESPOSTAS DE A[1] NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

o livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, a tela é que pode mudar as letras mudar o cor

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Sim porque, elas usa mais os celulares computador etc

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

Ele exigem para que aprendemos mais cedo e desenvolver mais rapidos e que conhecemos coisas diferentes.

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

porque ele precisava desse livro para aprender e para desenvolver algo muito importante e esse livro era muito importante para ele.

APÊNDICE M – RESPOSTAS DE A² NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

A expressão é que o livro seja mais fácil de ler do que ler uma leitura pela tela do computador, é mais simples. Pois, não tem onde apagar a palavra errada.

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Sim. Porque com o surgimento das tecnologias as pessoas preferem a internet, que é uma mídia mais rápida de se comunicar, e por isso atrai muitas pessoas.

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

Que sejamos sabedores de tudo que o ser humano saber, e comunicar com todos os meios, não importa se é mais alfabetizado ou não.

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

E por a pessoa gostar muito de ler e além de ser o maior defensor da nova mídia.

APÊNDICE N – RESPOSTAS DE A² NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir, o computador pode mudar as letras a cor a vida.

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Sim. Porque elas acham atrativo mais do que o outros pessoas.

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multimeios"**. (pressuposto)

Que devemos conhecer, aprender coisas diferentes, sem perder de cada coisa.

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

Fundador da maior empresa do Programa de computadores se interessou por um livro de uma maior pintor Leonardo da Vinci.

APÊNDICE O– RESPOSTAS DE A³ NA PRIMEIRA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

quis dizer que a tela do computador é mais difícil podemos variar as letras mudar as fonts e fazer diversas coisas e as pessoas acham ler mais o computador mais do que no livro.

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

As pessoas preferem usar as mídias porque é mais rápido e melhor e também o meio de comunicação muito importante do mundo e por isso as pessoas preferem usar o livro de lado porque é mais atraente.

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

que o nosso mundo quer ter chance seja
ser um pois desenvolvido na tecnologia
e com isso usam muito os dispositivos
como computadores celulares etc e isso
faz com que sejamos multímeios e assim
lendo os livros e outros coisas
são de fato para quem sabe aproveitar

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

que ele comprou os códice para melhorar
mas não foi isso que ele quis mais
sim para deixar um pois
melhor com meio chamar e bastante
tecnologia para que seja objeto
de um novo pois com tecnologia e
digital

APÊNDICE P – RESPOSTAS DE A³ NA SEGUNDA APLICAÇÃO DO TEXTO "UMA APOSTA EM TODAS AS MÍDIAS"

UMA APOSTA EM TODAS AS *MÍDIAS*

Um dos maiores erros que se cometem quando se fala em TV, ou em Internet, é imaginar que a mídia nova acaba com a velha. Gente apressada fala em morte do livro, como antes disso falou em superação do rádio. Até agora, nada disso ocorreu, e por uma razão simples: cada mídia tem seu nicho, seu lugar. Cada meio de comunicação atende a necessidades, a desejos, a anseios diferentes. O enriquecedor é a gente saber lidar com todos e jogar com um para usar melhor o outro.

Compare o livro à tela de computador. O livro é muito mais amistoso, mais fácil de manejar, de levar, de possuir. A tela é fria. Podemos variar as letras ('fonts'), mudar a cor, trocar as peles ('skins'), fazer o que quiser: nada ainda se compara à invenção de Gutemberg para levar à praia, ler na cama, dobrar pela lombada. Pouquíssima gente lê um texto longo na tela - quase todos o imprimem e leem em papel, e ainda assim é mais enfadonho que um livro, porque sai sempre no mesmo sulfite, na mesma tinta, enquanto o livro varia bastante.

É verdade que há mudanças que eliminam uma mídia. Quando surgiu o livro, isto é, um grande conjunto de folhas costuradas sob uma capa, ele venceu e depois liquidou o rolo. Antes do livro (seu nome técnico é 'códice'), ler era uma proeza, que exigia virar um longo rolo. Assim como imprimir um formulário contínuo e depois lê-lo, sem soltar as páginas. Difícil, não é? O códice é mais prático, e contínua vivo. Não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci.

O que isso tem a ver com a TV? Quero argumentar que o procedimento avançado não é substituir um meio pelo mais novo. Só num país em que tem charme mostrar-se inculto, como no Brasil, uma ideia assim tola pode prosperar.. O avançado é dominar os vários meios. Nosso mundo exige que sejamos multímeios. É como saber várias línguas, conhecer vários países, dominar vários instrumentos.

RIBEIRO, Renato Janine. **Uma aposta em todas as mídias**. O Estado de S. Paulo, 5/11/00, p. T2.

Disponível em:
http://saresp.fde.sp.gov.br/2005/Arquivos/Provas_EM_2005/1%C2%B0s%C3%A9rie%20EM%20noite.pdf
Acesso em: 09/11/2017

1. Releia o segundo parágrafo e responda: Qual o significado da expressão **"a tela é fria"**? (pressuposto)

Por que ela é mais difícil de usar do que o livro

2. De acordo com o texto as pessoas preferem usar as mídias mais atraentes? Explique sua resposta. (subentendido)

Preferem sim por que tem mais coisas para fazer nela.

3. Volte ao último parágrafo e explique a oração **"nosso mundo exige que sejamos multímeios"**. (pressuposto)

Por sabermos outros meios importantes por o nosso desenvolvimento

4. Qual o significado do trecho do texto **"não foi por acaso que o maior defensor da nova mídia, Bill Gates, gastou uma fortuna para comprar um códice de Leonardo Da Vinci"**. (subentendido)

que o livro era muito importante para ele

APÊNDICE Q – RESPOSTAS DE A[1] PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA

1. Identifique pressupostos e subentendidos nas situações abaixo.

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/v128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
foram avisar na casa da dona clotilde que o marido dela morreu

Subentendidos:
ela sabia que ia deixa morrer mas, o rapaz disse que o marido dela foi eu

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
o menino falou para o seu amigo que tinha ganhado uma medalha e ele ficou surpreendido. o que ele tinha ganhado

Subentendidos:
uma coisa que ele estava se referindo foi que tinha ganhado uma medalha já ele falou que tinha o zero absoluto

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

o Rapaz pergunta se o menino gostou em perfeito anonimato

Subentendidos:

o mãe do garoto disse que ele não foi perfeito, e não gostou que ele fosse d'novo

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVIe4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:

o pai perguntou pro filho que aniversário ele ia comemorar no natal. (de alguma pessoa)

Subentendidos:

o filho pensou que era dos presentes que ele tinha ganhado do natal passado

2. Escreva como o conhecimento de pressupostos e subentendidos ajuda na interpretação de texto.

sendo por que ao invés de você pegar pelo que o autor quer dizer você pelo do autor e ainda dizendo que foi ofend entendo melhor as coisas

APÊNDICE R – RESPOSTAS DE A² PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA

1. Identifique pressupostos e subentendidos nas situações abaixo.

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
Eu entendi que o marido da clotilde morreu e ela ficou surpendida

Subentendidos:
Eu entendi que o marido da ~~a~~ clotilde foi pai e ela ficou triste e começou a chorar muito.

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
os meninos estão comentando de que ganhou nas medalhas.

Subentendidos:
a um dolhou que ele tinha mais medalha que os outros e os outros dou Você não tem mais?

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
o homem tava pensando com a mulher se fogaça não é seu prefeito?

Subentendidos:
a mulher respondeu mas ele só foi prefeito uma vez e o homem ficou muito surpreendido

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
o pai perguntou o filho no natal que aniversario comemorava?

Subentendidos:
o filho respondeu por eu sei que no natal comemoro o aniversario do meu videogame.

2. Escreva como o conhecimento de pressupostos e subentendidos ajuda na interpretação de texto.

eles ajuda por que eles pode saber tudo.

APÊNDICE S – RESPOSTAS DE A³ PARA OS TEXTOS DE LINGUAGEM MISTA

1. Identifique pressupostos e subentendidos nas situações abaixo.

Disponível em: <http://i4.photobucket.com/albums/y128/mozaryot/sadia.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
Por que o marido não era nugets e Parecido o ser.

Subentendidos:
Por que a clotilde não sabia que o seu marido tinha virado nugts

Disponível em: <http://ryotiras.com/?p=3642>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
Por que cada um está mostrando o que já têm para os outros.

Subentendidos:
Por que cada um tenta ser melhor que o outro

Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/portugues/aspectos-semanticos/informacoes-implicitas>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
Por que o homem já era prefeito

Subentendidos:
Porque o homem não quer que o outro tiram Prefeito de novo

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_5RFVle4YE_w/SrVn3s1w0xI/AAAAAAAAAA8/eRM45T8xJGw/s320/charge.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Pressupostos:
tém alguem que faz aniversario no natal

Subentendidos:
Por que o menino ganhou o Bike e o videogame no natal

2. Escreva como o conhecimento de pressupostos e subentendidos ajuda na interpretação de texto.

Pode ser bem melhor porque se faziam uma coisa do outro e sabendo isso ajuda o entender melhor o texto e ajuda a responder melhor as perguntas.